

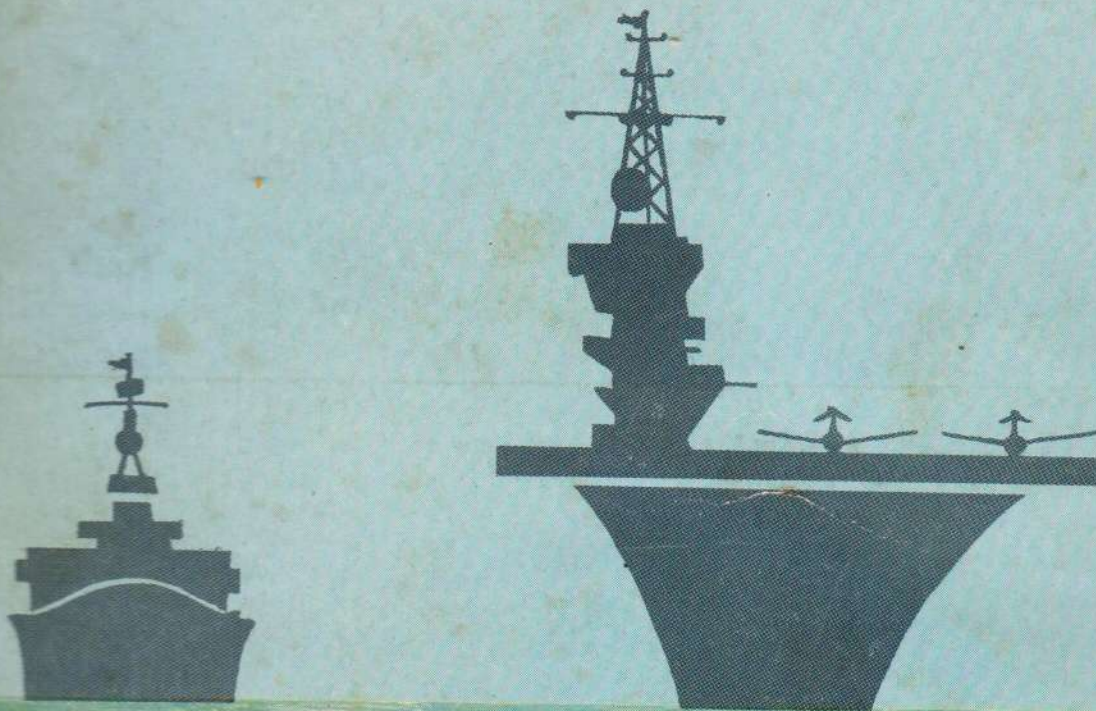
75



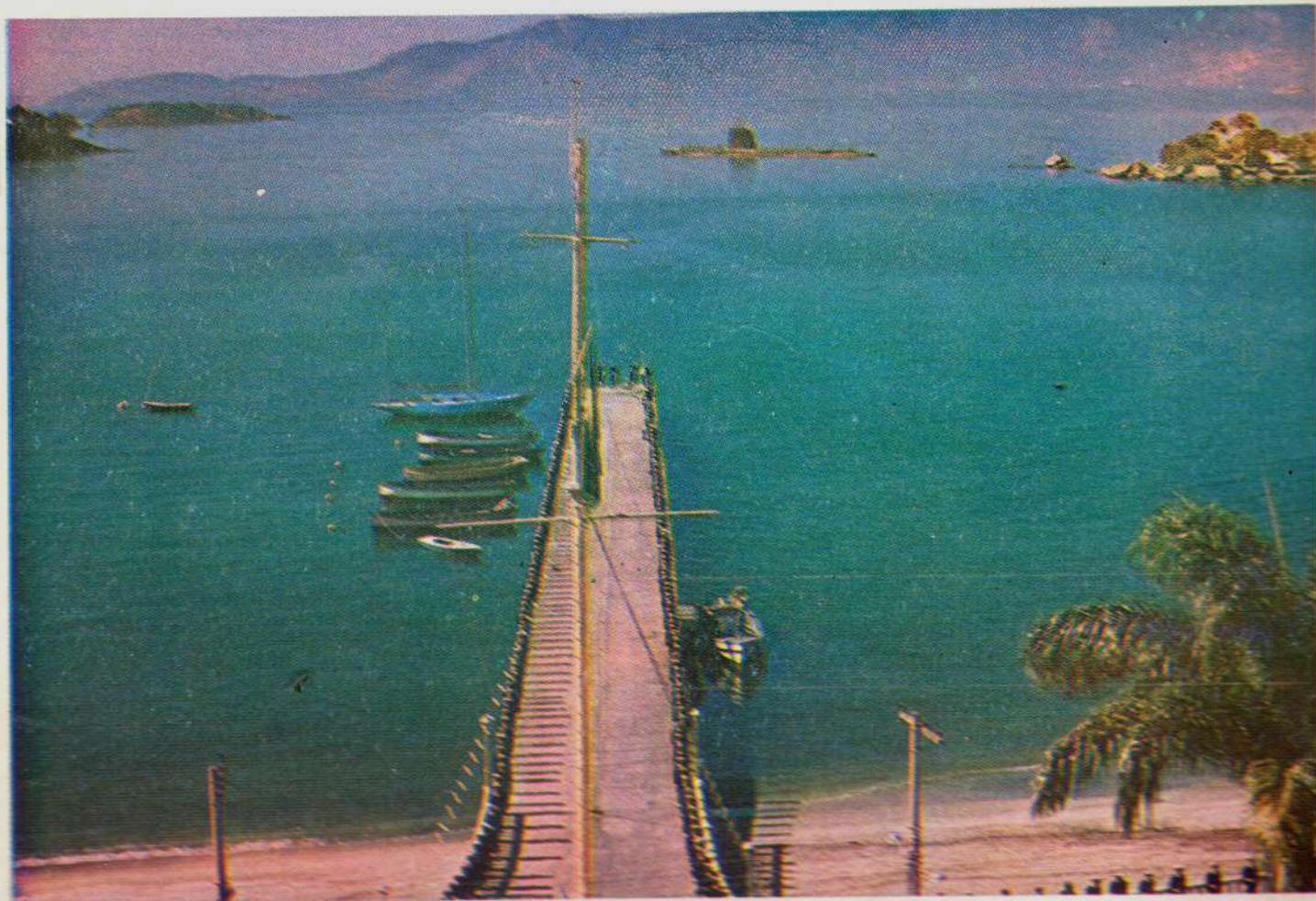
A FRAGATA

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL

"A MARINHA SEMPRE FORTE PELOS MARES
É O DESEJO DOS NOSSOS CORAÇÕES..."



Ao deixarmos, com orgulho, nossos lares
Nós dissemos com fé e emoção:
— A Marinha sempre forte pelos mares
É o desejo do nosso coração!
Pela honra de servir à Pátria-amada
E, por Ela, viver e lutar
Somos hoje a esperança da Armada
O futuro da Pátria no mar!





A FRAGATA-1975

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL
ANO XXV — MARÇO 1976 — Nº XXIII

REDAÇÃO

DIRETOR LITERÁRIO:

PAULO CÉSAR D'IMPÉRIO TEIXEIRA

DIRETOR EXECUTIVO:

JOÃO PEDRO CAMINHA ESCOSTEGUY

SECRETÁRIOS:

JOSÉ LUÍS RIBEIRO FILHO

ROGÉRIO GUERRA DA SILVEIRA

REDATOR CHEFE:

JOSÉ CARLOS FONTES

FOTÓGRAFO:

JUAN ANTONIO MOLINA DE ARAUJO

Sociedade Acadêmica Greenhalgh



PRESIDENTE:

MÁRCIO JANSEN CAVALCANTI

VICE-PRESIDENTE:

MARCELO SOARES SERRA

DIRETOR LITERÁRIO:

PAULO CÉSAR D'IMPÉRIO TEIXEIRA

DIRETOR FINANCEIRO:

ROBERTO PEREIRA JACOME DA COSTA

DIRETOR RECREATIVO:

NELSON MAURO NETO



75



A FRAGATA

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL

"A MARINHA SEMPRE FORTE PELOS MARES
É O DESEJO DOS NOSSOS CORAÇÕES."

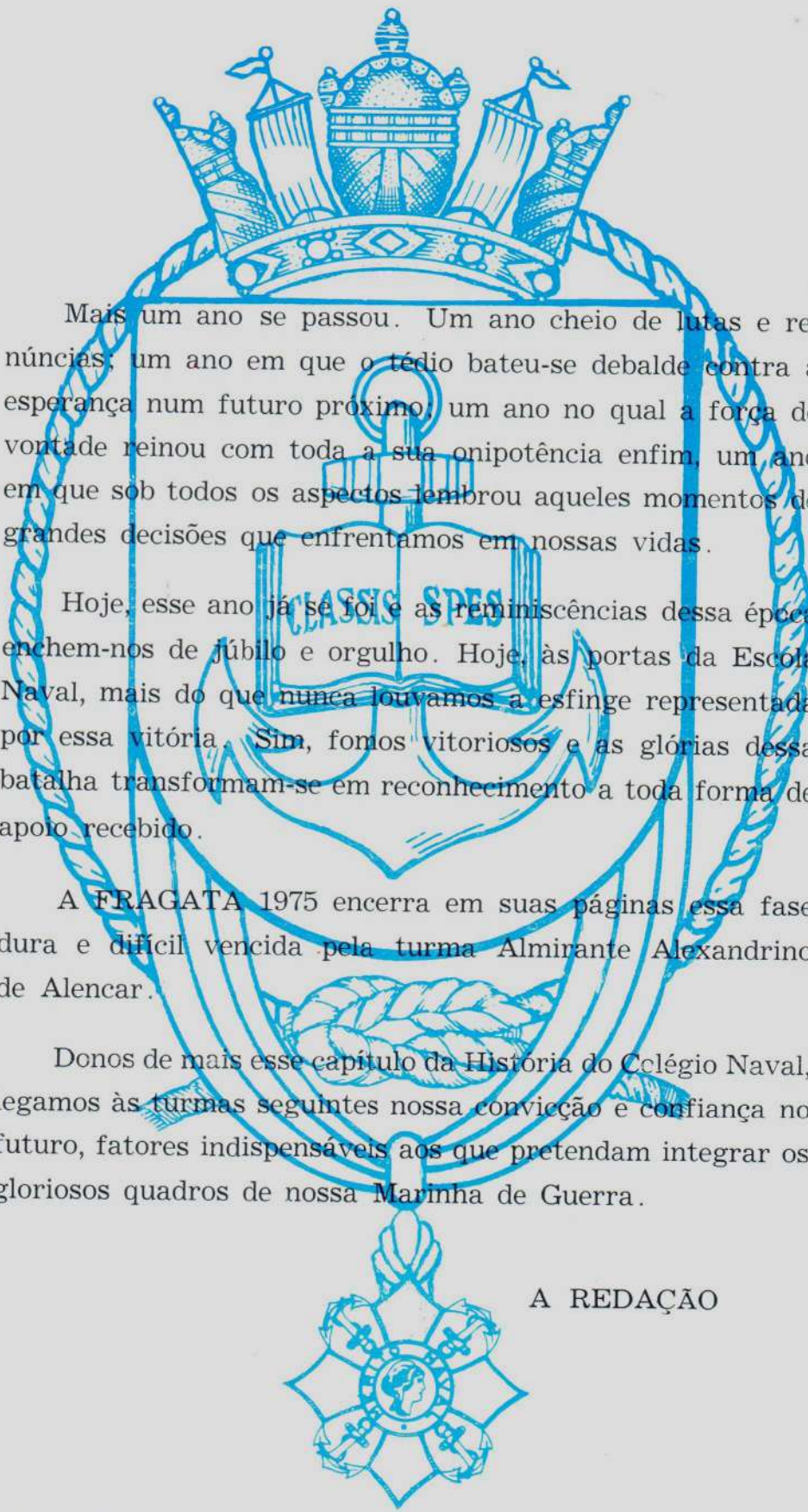
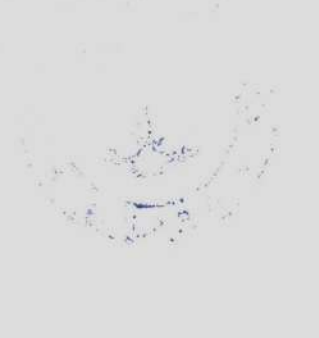


Nossa capa é uma colaboração do aluno Caminha

SUMÁRIO

Apresentação — Al. Paulo César	2
Mensagem do Exmo. Sr. Diretor do Colégio Naval — CMG Jelcias Baptista da Silva Castro	3
Mensagem do Paraninfo — Prof. Maurício José ...	4
Entrevista com o Exmo. Sr. Ministro da Marinha — Alte. Esq. Geraldo de Azevedo Henning	5
Aula Inaugural — Al. Paulo César	7
Patrono de 1975 — Prof. Guilherme de Andréa Frota	8
A Imprensa Naval — Als. Groetaers, Daltro, Colvara e Pontes Lima	15
A Vida Social no Colégio Naval — Al. Paulo César ..	18
Solenidades — Al. Paulo César	22
Mergulhadores de Combate — Al. Paulo César	25
Antártida — Al. Caminha	27
Despedida — Al. Paulo César	29
Controlando os Mares — Al. Caminha	30
No Cotidiano do Colégio Naval — Al. Fontes	35
Esportes — Als. Alcione e Haroldo	39
O Corpo de Fuzileiros Navais — Als. Paulo César, Jansen e Molina	48
1975: A Turma que parte — Fotos do Al. Molina ..	52
A Passagem da Cana do Leme e o Encerramento do Ano Letivo — Al. Paulo César	57

NOSSOS AGRADECIMENTOS À IMPRENSA NAVAL
PELA INESTIMÁVEL COLABORAÇÃO PRESTADA
NA REALIZAÇÃO DESTA REVISTA



Mais um ano se passou. Um ano cheio de lutas e renúncias, um ano em que o tédio bateu-se debalde contra a esperança num futuro próximo, um ano no qual a força de vontade reinou com toda a sua onipotência enfim, um ano em que sob todos os aspectos lembrou aqueles momentos de grandes decisões que enfrentamos em nossas vidas.

Hoje, esse ano já se foi e as reminiscências dessa época enchem-nos de júbilo e orgulho. Hoje, às portas da Escola Naval, mais do que nunca louvamos a esfinge representada por essa vitória. Sim, fomos vitoriosos e as glórias dessa batalha transformam-se em reconhecimento a toda forma de apoio recebido.

A FRAGATA 1975 encerra em suas páginas essa fase dura e difícil vencida pela turma Almirante Alexandrino de Alencar.

Donos de mais esse capítulo da História do Colégio Naval, legamos às turmas seguintes nossa convicção e confiança no futuro, fatores indispensáveis aos que pretendam integrar os gloriosos quadros de nossa Marinha de Guerra.

A REDAÇÃO





MENSAGEM DO SR. DIRETOR DO CN AOS FORMANDOS DE 1975

Mais uma "A FRAGATA" é lançada ao mar neste Colégio Naval. E com ela, um ano inteiro de lutas e de conquistas do Corpo de Alunos. E com ela, mais uma turma conclui a primeira e talvez a mais complexa etapa na longa formação do Oficial de Marinha.

A turma Almirante Alexandrino de Alencar, "ultimoanistas" de 1975 e que ora se transfere para a Escola Naval, a expressão da confiança do Colégio Naval no empenho firme, intímido e proficiente com que vão ao encontro de novos embates, à busca de novas vitórias. Estou convicto de que pensamento e ação de cada um de vocês estarão marcados indelevelmente pelo Colégio Naval que ora os vê partir. Da mesma forma, vocês plasmaram com suas ações um pouco mais deste relicário de experiências e de sucessos que são hoje a história deste Colégio Naval.

Sigam no rumo certo; com amor à Marinha, com dedicação ao serviço da Pátria, com o compromisso solene diante de vocês próprios de, a cada instante, se orgulharem das ações que praticarem. É de vocês u'a Marinha que se revigora, um Brasil que se agiganta, um mundo que se transforma. Sejam partícipes deste presente que nos desafia! Sejam atuantes! Jamais simples espectadores. Somente assim o futuro pode vir a ser parte do que hoje vocês almejam; somente assim, a vida lhes será gratificante.

A História é impiedosa com os que fracassam. Vocês provaram que são a elite resultante de uma enorme legião de jovens que, como vocês, um dia almejavam o ingresso neste Colégio Naval; como vocês se viram frente a desafios, a exigências e a rigores. Apenas vocês venceram; somente vocês alcançaram a glória do sucesso. Que isto lhes seja inspirador e reconfortante, diante dos outros desafios, exigências e rigores que a vida lhes imporá. Pois que é na luta e no sacrifício que se alcançam as vitórias.

Aos Alunos que aqui ficam, a esperança segura do Colégio Naval de que outras "A FRAGATA" irão ao mar, atestadas com o entusiasmo e a crença daqueles que à Marinha dedicam "nossa mente, nossa alma e o braço viril".

MENSAGEM DO PARANINHO



Professor **MAURÍCIO JOSÉ** — Paraninfo de 1975

AOS ALUNOS DA TURMA DE 1975

"De qualquer fase de nossa existência podemos concluir, de experiências vividas, normas que orientem nossa conduta numa próxima etapa. A análise que permite esta conclusão deve ser contínua e dinâmica, pois o verdadeiro significado da importância de uma época de nossa vida só é percebido quando já estamos vivendo numa outra época."



Repetiu-se a visita ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha, o qual respondeu várias perguntas dos jovens Alunos interessados na Marinha que irão encontrar quando Oficiais. Nesta oportunidade, foi oferecido ao Alte. BENNING um quadro, de autoria do aluno CASEMIRO, premiado na exposição de artes plásticas realizada em Campinas, quando da XI NAE.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

P — Tendo em vista o presente impulso do País no campo nuclear, como vê V. Ex.^a a adequação do Plano de Renovação e Ampliação de Meios Flutuantes da Marinha, no sentido da construção de Submarinos e outros tipos de navios movidos por energia nuclear?

R — A decisão de se construir navio de guerra movido a propulsão nuclear não decorre somente de análise dos aspectos técnicos que envolvem o problema. Se este requisito fosse o único, não há dúvida que já teríamos adotado este tipo de propulsão pelo menos para os nossos submarinos pois, quando da concepção do atual Plano de Renovação e Ampliação de Meios Flutuantes, as inúmeras vantagens operativas, já identificadas à época, dos Submarinos nucleares sobre os convencionais, impunham a escolha dos primeiros. Os aspectos econômicos,

que mais influenciam em uma decisão desse tipo, até o momento nos têm impedido de tomá-la. Isto não quer dizer, entretanto, que a Marinha se colocará à margem do impulso do País no campo nuclear. A formação de pessoal capacitado neste setor vem sendo criteriosamente planejada pela atual Administração, pois estamos certos de que esses técnicos terão papel muito importante no futuro da Marinha. Cabe acrescentar ainda que, no Brasil, tudo indica navios mercantes serão os primeiros a serem construídos pelos estaleiros nacionais com propulsão nuclear.

P — Quais as perspectivas para a Aviação da Marinha, em face do mesmo Plano?

R — Condizente com o Plano de Renovação e Ampliação de Meios Flutuantes, o Plano de Renovação de Meios Aéreos tem-se desenvolvido no sentido de adotar os navios com meios adequa-

dos às suas missões. Podemos citar, como exemplo, a aquisição dos modernos helicópteros LINX, ora em construção na Inglaterra, encomendados para operarem das Fragatas classe Niterói, aumentando de muito a capacidade anti-submarino desses navios.

P — Qual o impacto a ser criado pelas moderníssimas Fragatas, ora em construção, no que tange à habilitação do pessoal que irá guarnecê-las? Como a Marinha está preparando este pessoal?

R — A preparação do pessoal que irá guarnecer as Fragatas é assunto que há muito vem merecendo especial atenção do setor de pessoal da Marinha. É, sem dúvida, uma tarefa difícil, face aos sofisticados sistemas e equipamentos desse tipo de navio, na sua maioria desconhecidos do nosso pessoal. Duas fases podem ser caracterizadas nessa preparação: a primeira — que poderíamos chamar de “Preparação a Curto Prazo” — visa qualificar as guarnições que irão receber os primeiros navios. Dela constam cursos para oficiais e praças, além de adestramentos específicos, nos diversos centros de instrução e treinamento de pessoal na Inglaterra. A segunda fase, igualmente importante, objetiva introduzir e consolidar no sistema de ensino da MB a nova tecnologia naval, da qual as fragatas são um exemplo. Para isso, é necessário que se monte em nossos centros de instrução e adestramento os cursos que garantirão a formação, no Brasil, de pessoal habilitado a operar e manter os modernos navios e os sofisticados sistemas de armas. Vários oficiais já se prepararam no exterior para essa tarefa. A atualização dos currículos de nossos estabelecimentos de ensino e for-

mação é uma necessidade decorrente do desenvolvimento tecnológico que está a exigir do pessoal níveis técnicos cada vez mais elevados.

o lugar que lhe é devido entre as demais marinhas.

P — A tendência atual é no sentido de aumentar ou diminuir o número de Aspirantes a ingressarem na Escola Naval? Há falta de oficiais?

R — No momento a tendência é de diminuir. Os recentes estudos sobre a carreira dos Oficiais concluíram que a Escola Naval deve formar anualmente turmas de, no máximo, 95 GMS do CA, 20 IMs e 20 FNs para que o acesso aos diversos postos do Oficialato se faça normalmente, permitindo que um oficial chegue ao posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra, com 26 anos de serviço. Desse modo, admitindo-se como aceitável que 60% a 70% do pessoal que ingressa na Escola Naval logre atingir o oficialato, deverão ser admitidos cada ano para a Escola Naval cerca de 200 aspirantes, número pouco menor que o do atual efetivo do 1º ano da Escola que é de cerca de 250.

P — De que forma pensa a Marinha harmonizar o emprego do crescente número de Oficiais do Quadro Complementar e Oficiais oriundos da Escola Naval?

R — O Quadro Complementar foi criado, como seu nome sugere, para completar as lotações dos diversos corpos, principalmente dos primeiros postos do oficialato.

Anualmente, de acordo com as necessidades do Serviço, é fixado o número de vagas para o QC, que tem o seu pessoal recrutado entre os recém-formados, pelas diversas universidades do País, nas profissões que mais interessem à MB. O QC tem atendido perfeitamente à sua finalidade, pois seus oficiais são empregados em serviços que não exigam grande experiência naval, mas sim o nível superior que tais oficiais possuem. Além disso, está estruturado de modo a incentivar o desligamento do pessoal após 5 anos de serviço, ficando a critério da Administração Naval o

aproveitamento daqueles que quiserem continuar até o posto máximo de Capitão-de-Fragata. Cabe ainda acrescentar que, com a flexibilidade do planejamento que o QC nos oferece, poderemos fixar o número de oficiais oriundos da Escola Naval, de modo a lhes garantir um fluxo adequado de Carreira.

P — Qual o destino do Cruzador Tamandaré? E o do NAel Minas Gerais?

R — O Cruzador Tamandaré já teve a sua baixa decidida, e deverá ser vendido como sucata após o aproveitamento de todo o material útil de que ainda dispõe e após a mostra de desarmamento. O NAel Minas Gerais já iniciou os reparos necessários a dar-lhe as condições operativas que tinha quando do seu recebimento, de modo a garantir-lhe uma vida útil de, pelo menos, mais dez anos.

P — Qual a mensagem de V. Exª aos jovens que fazem hoje a Marinha do futuro?

R — Desde os primórdios da civilização o mar despertou o espírito de aventura dos homens, e foi desbravando-o que os primeiros marinheiros se impuseram como exemplos de destemor e abnegação. Com suas embarcações rudimentares, eles se lançaram ao desconhecido, no anseio da conquista e da liberdade.

Hoje se exige dos marinheiros, além das qualidades de seus predecessores, preparo técnico-profissional condizente com o tremendo desenvolvimento tecnológico dos nossos dias.

Em vocês, jovens alunos do Colégio Naval, a Marinha do Brasil deposita confiança irrestrita.

Temos certeza de que, ao receberem os galões de oficiais, vocês saberão compreender a grandeza das suas responsabilidades, preparando-se de starte com fé e abnegação para bem servir à Pátria.

P — De que modo a crise mundial do petróleo afetou a mobilidade da Marinha?

R — Se é verdade que a crise mundial do petróleo nos obrigou a economizar combustível, é igualmente verdade que, até o momento, não houve prejuízos sérios no adestramento de nossas unidades. Conseguimos realizar as principais operações de nosso calendário, aproveitando todas as horas de mar para adestrar as guarnições. Assim, com o esforço e compreensão de todos. Temos conseguido manter o alto índice de operatividade de nossas forças combatentes, o que lhes tem valido seguidos elogios por partes dos chefes navais das Marinhas francesa, inglesa e americana, com quem tivemos oportunidade de operar recentemente.

P — Há alguma participação da Marinha no esforço nacional para a descoberta e extração de petróleo na plataforma continental?

R — A prospecção e lavra do petróleo são responsabilidades da PETROBRÁS. Entretanto, a Marinha, sempre que solicitada tem cooperado com essa empresa, realizando levantamentos hidrográficos das áreas marítimas aonde operam as plataformas e outros serviços especializados de grande utilidade.

P — Qual a posição da Marinha do Brasil em face de outras Marinhas no plano mundial e no plano regional?

R — Quer no plano mundial, quer no regional, a Marinha é o reflexo do Brasil, já que nenhuma marinha pode estar dissociada da realidade econômica e industrial do País a que pertence. Somos um País em desenvolvimento e a Marinha está crescendo com o País e, esperamos, ocupará

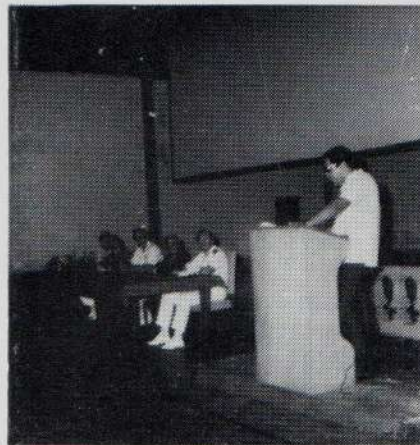
AULA INAUGURAL



CONCEITO DE CORREÇÃO EM LINGUAGEM

Resumo do aluno Paulo César

Realizada a 1º de março de 1975, foi esta aula a ratificação dos propósitos da solenidade de abertura do ano letivo. Convidado a proferi-la, o professor Álvaro soube equacionar de uma maneira simples e direta um problema há muito deflagrado na linguagem contemporânea, ou seja, a existência de um sensível abismo entre a língua ensinada pelas gramáticas e a explorada pelos jovens. Dizia ele que a principal razão de tal fato estava resumida na categórica distância encontrada entre a juventude e os hábitos de leitura (ditos antiquados). As nossas gramáticas, citava o professor, estão baseadas nas regras ditadas por grandes escritores portugueses oriundos dos séculos 16 a 19 e dos escritores brasileiros do século 19. Assim sendo, percebemos a existência de uma «patentização» das normas de linguagem que fazem com que o aluno praticamente imite as formas de expressão que ele encontra nesses escritores, inibindo assim toda a capacidade criadora existente em



Prof. Alvaro

seu ser, ocasionando uma desenfreada divergência no que tange à linguagem por ele usada e a ensinada pelas gramáticas (leve-se em conta o fato de ser a língua extremamente volúvel). Segundo o professor Álvaro, a solução deste problema deve partir do próprio mestre que, uma vez conscientizado do fato, deve estimular o cultivo das formas adequadas de linguagem para cada ocasião específica.

A gramática existe como um recurso ou como uma obrigatoriedade?

LÍNGUA
PADRÃO

variantes
dialetais

variantes de
registro

{ dialetos geográficos
dialetos sociais ou diastráticos
dialetos etários
dialetos masculinos e femininos diacrônicos.

{ formalismo
modalidade
sintonia

A língua e as suas variações

Almirante Alexandrino Faria de Alencar:

PATRONO DA TURMA DE 1975

Prof. Guilherme de Andréa Frota

A Família Alencar, de origem portuguesa, radicou-se nos sertões do Ceará em meados do século XVIII e viveu do gado. Um dos seus ramos migrou para a Província do Rio Grande do Sul talvez em busca de melhor fortuna. Ali nasceu Alexandrino, filho do Capitão do Exército Alexandrino de Mello Alencar e sua mulher D. Anna Ubaldina de Faria Alencar, a 12 de outubro de 1848 na cidade do Rio Pardo. De sua infância naquele rincão gaúcho nada conseguimos saber, mas imaginamos o menino nutrindo o desejo de seguir a carreira paterna, enquanto cursava a escola de primeiras letras.

Aos 15 anos matriculou-se na Escola de Marinha. Jovem aspirante nesse ano de 1865 partiu voluntariamente para a luta contra o despótico governo de Francisco Solano Lopez, tendo servido por pouco tempo sob o comando do Chefe de Divisão Manoel Barroso, Barão do Amazonas. Apresentando-se ao Marquês de Tamandaré com o uniforme tinto de sangue dos feridos que ajudara a socorrer do couraçado **Tamandaré** impressionou vivamente ao magnânimo Almirante que este o retirou da guerra dizendo: «Vou mandar-te para o Rio, porque não quero que tua mãe rogue pragas se tu morreres aqui».

Voltou, assim, o jovem Alexandrino à Escola de Marinha para concluir o curso, aperfeiçoando-se em navegação à vela. Guarda-Marinha em 1868 retornou à frente de combate embarcado no transporte **Vassimore**, passando para a corveta **Niteroi**, da Divisão Naval de Montevidéu, ostentando no peito a medalha que ganhara em campanha.

Seguiu a bordo da mesma corveta em viagem de instrução pelo Atlântico sul; foi, então, aprovado e promovido a segundo Tenente (22-12-1870). Depois de breve

licença para recuperar saúde, alcançou o posto de Primeiro Tenente (24-12-1873). Segue na **Niteroi** para os Estados Unidos da América ainda nesse ano de 1873. Assume, na volta, a imediatez do **Bahia**, em Montevidéu. Comandou quartos em viagens de mar à vela nessa primeira fase da sua

carreira, posto confiado a primeiros tenentes antigos (hoje Capitães Tenentes). Em 1876 serviu no **Rio de Janeiro** e no **Henrique Martins**, ocupando o cargo de Ajudante de Ordens do Comandante da Força Naval do Rio Grande do Sul. Em julho de 1878 regressa à Corte para exercer a



O Jovem Tenente Alexandrino de Alencar

função de instrutor de artilharia do Batalhão Naval.

Designado Adido Militar e Ajudante de Ordens do Barão de Jaceguay, embarcou na **Vital de Oliveira**, em 1879, com destino à China, nessa famosa missão especial coroado de êxito. Notável viagem de 35.044 milhas e plena de ensinamentos para o Jovem Tenente!

cumbência, em janeiro de 1883, de ir a Mato Grosso montar a oficina de torpedos do Arsenal de Ladário e proceder a minucioso estudo sobre o Forte de Coimbra, concluindo que era melhor abandoná-lo e artilhar a posição de Fechados-Morros.

No fim desse ano o encontramos servindo com Custódio de Mello. Comanda, no ano seguinte,



Alexandrino de Alencar por volta de 1892 (do Arquivo da Documentação Geral da Marinha)

Não foi, porém, bastante para o seu espírito ávido de conhecimentos. Dedicou-se a estudar os torpedos, tendo adquirido acentuada fama como oficial torpedista com a sua monografia **O SEGREDO DO TORPEDO WHITEHEAD**. Por isso, recebeu a in-

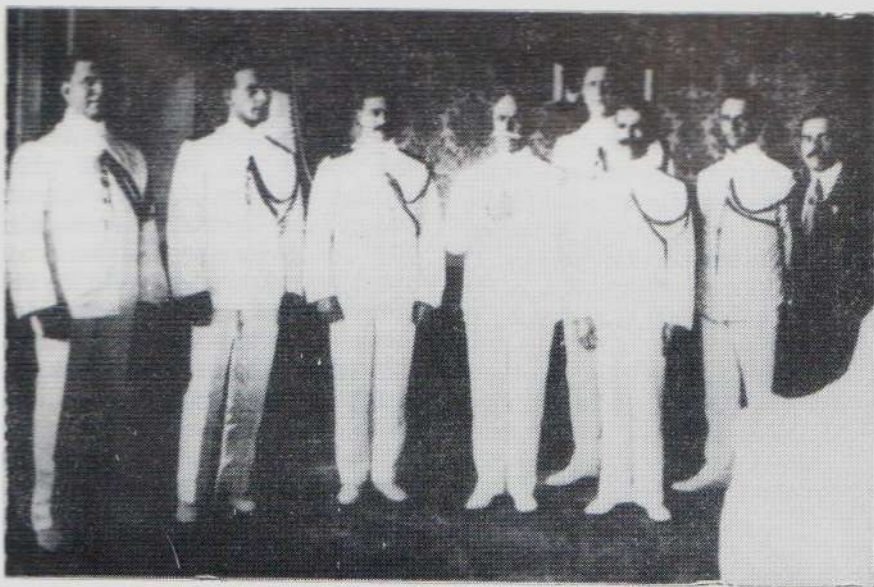
a **Torpedeira nº 2**, integrando a célebre Esquadra de Evoluções, quando então executou diversos exercícios e comissões na área de Angra dos Reis. Seu desempenho lhe valeu o Comando Geral das Torpedeiras e a promoção a Capitão-Tenente preterindo 31 cole-

gas! (6 de junho de 1885). As fainas foram árduas nessa época: não lhe davam descanso. No ano seguinte é imediato do **Barroso** então sob o comando desse marinheiro sem par que era Saldanha da Gama; absorvendo com proveito os ensinamentos desse grande educador, visitou novamente os Estados Unidos em viagem de instrução dos Guardas-Marinha. Serviu no couraçado **Sete de Setembro**, no final do ano de 1886, passando, depois, para o **Solimões**, em 1887. No ano seguinte esteve como Capitão dos Portos do Ceará por pouco tempo, transferido para o comando da Escola de Aprendizes-Marinheiros dessa Província.

Estava no comando intêrino do **Riachuelo** no mês de novembro de 1889. Aderiu, sem exitar, ao movimento republicano, dando a sua palavra ao Capitão Serzedelo Correia na entrevista que ambos travaram a 8 de novembro. A 15, pôs-se a frente de uma tropa no Arsenal, composta de 400 homens, recebendo Deodoro da Fonseca com honras militares. Tomou a palavra Benjamim Constant proferindo uma entusiástica oração respondida com o mesmo ardor por Alexandrino de Alencar; a noite dirigiu-se com maior força até o Campo de Santana, quando então conheceu Floriano Peixoto.

Cabe-lhe a missão espinhosa e grave de comboiar o **Alagoas**, que transportava a Família Imperial para o exílio europeu. Sabendo da existência de uma conspiração entre a maruja, apareceu de imprevisto, só e portando apenas a sua espada, logrando neutralizar a ação desse grupo fiel ao Imperador deposto. Desfaz o motim pelo fascínio da sua personalidade.

A 16 de janeiro de 1890 comanda o **Riachuelo** levando o Ministro do Exterior Quintino Bocaiuva em Missão Especial ao Prata, regressando em março, recebendo grandes elogios e logo em seguida a promoção a Capitão de Fragata (observe-se que na época não havia a patente de Capitão de Corveta). Neste posto esteve no comando do **I de Março**, na Brigada da Marinha e no das Torpedeiras. Em princípio de 1891 pediu transferência para a reserva, revertendo à ativa em janeiro de 1893, sendo-lhe dado o comando do **Sete de Setembro**.



O Almirante Alexandrino de Alencar e seus oficiais de gabinete Sylvino Freire, E. Pereira Pinto, Oscar Spinola, chefe de gabinete; o Ministro da Marinha, C. Taylor, Fabricio Caldas, Elyziario Barbosa e Costa Lima

val e dava maior valor aos **dread-noughts**. Assim, os navios de guerra médios já não resolveriam; por isso, sustentou Alexandrino a vantagem de possuímos couraçados ao invés de cruzadores. O seu entusiasmo sincero motivou a Nação e agitou a opinião pública, fazendo nascer a Liga Naval Brasileira: havia uma atmosfera arejada de debates sobre os ensinamentos da guerra russo-japonesa.

Vitorioso no Congresso o seu programa, que apoio tivera de Píneiro Machado, Ruy Barbosa e Antonio Azeredo, o Presidente Afonso Penna o convida, em 1906, a executá-lo como Ministro da Marinha. Era a ascensão lógica que exigiu a renúncia ao seu mandato de Senador. Nenhum Ministro subiu com mais força na República: um frêmito de entusiasmo sacudia toda a Marinha, sacudia-a da anemia de longos anos.

A todos Alexandrino empolga com o lema RUMO AO MAR, frase significativa e que se tornou muito populár. «Quem diz Marinha, diz atividade. Marinha que não se move é um organismo morto» explicava o Ministro. Tal foi a sua atividade que continuou no posto com o Presidente Nilo Peçanha. Em 1908 foi promovido a Vice-Almirante e nomeado Ministro do Superior Tribunal Militar.

Constituiu essa uma fase fecunda da administração naval. Foram substituídos os navios

obsoletos, que simulavam uma força naval, por unidade novas, destacando-se o **Minas Gerais** e o **São Paulo**, gêmeos, secundados pelos scouts **Bahia** e **Rio Grande do Sul** e dez destroyers tipo **Pará**. Não se limitou Alexandrino de Alencar aos estreitos limites da renovação do material: em 1907, a 11 de junho, o Presidente Afonso Penna promulga o decreto n. 6.496 regulamentando o Conselho do Almirantado e o instala, solenemente, no antigo prédio do Clube Naval, à rua D. Manuel, adquirido pelo Ministério da Marinha; procedeu-se a uma reorganização do pessoal subalterno, deu-lhes con-

dição de aprendizado, renovou as tradições, introduziu inovações. Em 1907 executou uma reforma dos cursos da Escola Naval. A Esquadra, um pouco falta de recursos técnicos, movimentou-se intensamente; oficiais e marujos, a «sua gente» como carinhosamente dizia o Ministro, ficaram em contacto com o mar, em atividade permanente, enquanto numerosos oficiais eram enviados à Europa a fim de se aperfeiçoarem em adiantados centros de construção naval. Criou o Ministro a **Liga Marítima** e deu início à construção do dique e novo Arsenal da ilha das Cobras, ao mesmo tempo que se levantava o imponente edifício do Clube Naval na recém inaugurada Avenida Central. A nossa qualidade de potência naval sul-americana ficou assegurada de um modo patente. E mais: ordenou o transporte dos restos mortais de Barroso e Saldanha da Gama de Montevideu para o Brasil, pelo cruzador **Barroso**: foi recebê-los na ilha Grande, proporcionando aos antigos Chefes uma recepção condigna.

Deixando a Pasta, foi nomeado para estudar a organização das marinhas européas. Partiu no **Princesa Mafalda**. Nesse dia (23 de novembro) espocou a Revolta dos Marinheiros no Rio de Janeiro. Sabedor desses fatos semanas depois em Nice, caiu em profundo abatimento, tendo sido vítima de pneumonia dupla em Paris. A Europa tornou-se para ele um desterro; mas cumpriu o que lhe

Almirante Alexandrino de Alencar
Ministro da Marinha



Reprodução da Revista Liga Marítima quando assumiu pela primeira vez o Ministério

determinara o Governo: seu Relatório final é notável pelas lições que encerra em refletida crítica e sábios conselhos.

Voltou ao Ministério na Presidência Hermes da Fonseca, em 1913, conservando-se nele durante o governo de Wenceslau Braz. Nesse mesmo ano de 1913 Alexan-

drino (setembro de 1913) instalou-se no suntuoso edifício de estilo gótico a Superintendência de Portos e Costas.

A pneumonia tornara-o um precavido quando tinha de enfrentar solenidades em mar aberto: foi esse fato que o fez usar uma combinação dos uniformes azul e



O Almirante ao tempo de sua estadia na Europa. Foto do Serviço de Documentação da Marinha

drino obteve a ilha Fiscal para a Marinha: foi uma troca célebre. Valendo-se da amizade do Ministro da Fazenda, Rivadávia Correa, propôs-lhe a troca da ilha, onde funcionava a Guarda-Moria, pelo vapor **Andrada**, construído nos estaleiros noruegueses de Bergen em 1890 e já desativado. Feita a barganha (Aviso nº 1581 de 9 de

branco, logo apelidado de «uniforme alexandrino», estendido a toda a Corporação que o usava, em sua homenagem, no dia 11 de junho.

A 1 de junho de 1914 transferiu a Escola Naval para o imponente prédio de Angra dos Reis, cuja construção se iniciara em 1911. No mesmo ano, a 22 de no-

vembro, com a presença do Presidente Wenceslau Braz, procedia a inauguração do busto do Almirante Batista das Neves, na Enseada da Tapera, batizada Al. Batista das Neves, em frente ao prédio da Escola Naval. O seu discurso ao pé da coluna comemorativa que perpetuava o heroísmo dos que morreram na Revolta de 1910 é uma página que lhe honra a memória e do qual colhemos este trecho: «Este monumento vos lembrará sempre que a oficialidade naval não admite a rebeldia, por mais acentuados que sejam os atentados contra o governo legal, sobretudo numa época de anarquia dos espíritos. Ele indicará à imaginação ardente da juventude que a vida militar nada vale sem uma diretriz para o ideal, sem a disposição heróica para a firmeza dos princípios de virtude que em qualquer época e em qualquer condição constituem o estofado do militar».

Foi essa uma época difícil por causa da I Grande Guerra Europeia. Episódio notável verificou-se quando passamos para o Estado de Guerra; recebeu, na ocasião, o Ministro uma carta de diplomata estrangeiro a propósito da ilha da Trindade. Seu despacho foi lapidar: «Quanto à ocupação não interessa a estrangeiros e quanto à venda o Brasil, apesar de muito grande, não negocia com seu território». Sob esse regime de guerra coube-lhe preparar a Divisão Naval em Operações de Guerra, expressiva participação brasileira que, tendo no comando o Al. Pedro de Frontim, cooperou eficazmente com os Aliados. Por isso, esta foi uma fase de sacrifícios financeiros: as obras do dique da ilha das Cobras paralisaram e alguns navios, adquiridos recentemente, foram vendidos. Assim mesmo, criou a Escola Naval de Guerra em 1914, abrindo novos horizontes aos oficiais e substituiu a designação desagradável de oficiais inferiores pela de suboficiais, mais diplomáticas... Ligou a ilha das Cobras ao continente por uma ponte metálica que levou o seu nome; começada a sua construção em janeiro de 1911 pela firma Janowitz Whale & C., de acordo com o plano da Casa Louis Ellers, de Hannover, que forneceu o material, era inaugurada a 23 de fevereiro de 1915. A maruja irreverente logo a apelidou de «minhocão». Foi Alexandrino o pio-

neiro da aviação naval, criando esse serviço em 1916 no Galeão, ilha do Governador, pelo Decreto nº 12.167, tendo comprado os primeiros aviões, segundo se diz, com a verba do feijão... Aumentou o número de Escolas de Aprendizes Marinheiros, que chegaram a ter matriculados mais de 3 000 jovens. Não se descuidou da Marinha Mercante; graças ao apoio do Presidente obteve a Lei Wenceslau Braz de proteção à construção naval. Foram assim construídos na ilha do Viana os navios **Itaquatiá** e **Itaguaçu** e um petroleiro para a Argentina. Seu maior desejo, a existência de um corpo único para os oficiais combatentes, não o viu realizado. A 15 de novembro de 1918 deixou a Pasta.

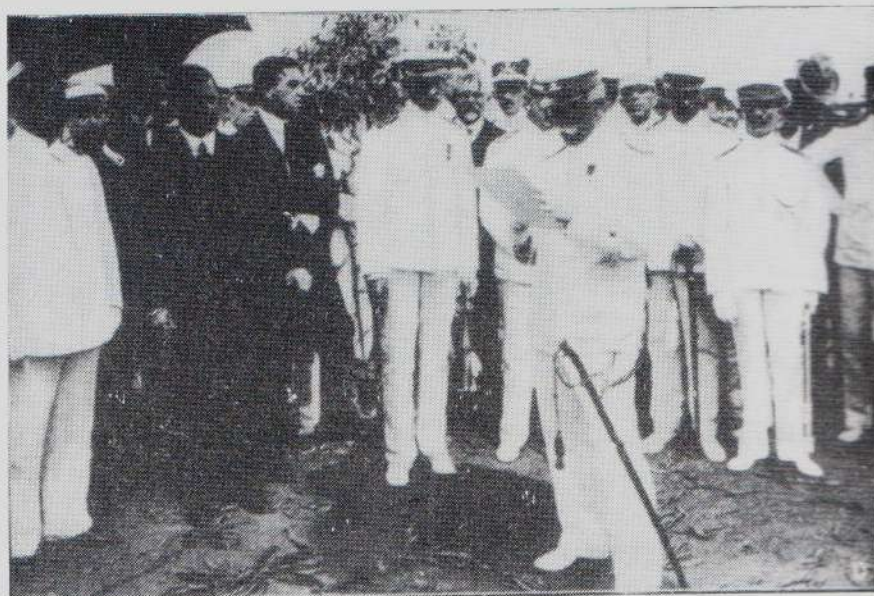
Econômico e sóbrio, manteve-se sempre de mãos limpas; mostrou-se zeloso dos dinheiros públicos. Não recusava trabalho, antes, este parecia o tônico de sua vida; não apelou para o direito de repouso que a todos a Pátria garante: preferia o alegre conviver de seus camaradas. Os que com ele serviram são unânimes em afirmar a sua apudeza de espírito, a rapidez das resoluções. Era um desconfiado, severo na disciplina, ao mesmo tempo que se mostrava pílherico, mordaz, humorístico. Falava corretamente o francês e o espanhol e regularmente o inglês e o italiano. Não fumava e não bebia e quando a isto era obrigado fingia com rara maestria.

Eleito pela segunda vez pelo Estado do Amazonas, ocupou a sua cadeira no Senado entre 1920 e 1922, quando o Presidente Arthur Bernardes o chamou para prover, pela terceira vez, a Pasta da Marinha. Era o já venerando Almirante uma figura histórica e respeitada. Com 74 anos prateara os cabelos ao serviço da Pátria, mas encontrava energia e entusiasmo para enfrentar a administração naval num quadriênio que se mostrava tempestuoso. Era o segredo dessa vitalidade interior que aos desafetos estonteava! Defeitos ele os tinha, sem dúvida, como todos os mortais; mas suas qualidades empanavam as falhas que desapareciam ou se diluíam.

Em meio da agitação política do governo Bernardes Alexandrino representou um sustentáculo do regime. Soube manter unida a Esquadra contra os sediciosos de

S. Paulo, liderados pelo General Isidoro Dias Lopes. Em discurso a bordo do **Minas Gerais** (17 de agosto de 1924) enfatizou: «Precisamos nos civilizar de uma vez para que não tenhamos mais lutas pelas armas, entre irmãos, em busca de posições políticas tão fora dos moldes da profissão militar». Em vários pontos do país repercutia a revolução dos paulistas e da Coluna Prestes. A 6 de novembro o coraçoado **São Paulo** amotinava-se, ameaçando bombardear o Palácio do Catete. Assim que tomou conhecimento desse levante, dirigiu-se Alexandrino para o **São Paulo** na sua lancha, com um Ajudante de Ordens e um Ordenança; esperava dominá-lo com

Pode, apesar das dificuldades políticas, reorganizar o pessoal da Armada, criando um Corpo Único de Oficiais (1923); apressou a conclusão da construção do Arsenal da ilha das Cobras, ao mesmo tempo que exigia da Esquadra constantes exercícios de adestramento. Atento à evolução, encomenda o submarino **Humaitá** no estaleiro San Giorgio de Spezia, Itália. A ajuda incontestada da Missão Naval Norte-Americana, chefiada pelo Almirante Vogelgesang, aprovava as idéias do Ministro. A 4 de setembro de 1925 criava o DIA DO MARINHEIRO, a ser comemorado a 13, data natalícia do Almirante Marquês de Tamandaré.



Almirante Alexandrino de Alencar lendo o discurso de inauguração do monumento ao Almirante Baptista das Neves

a sua presença. Começou, porém, a chover balas sobre a lancha: «Bandidos, estão me atirando», murmurou. Mandou guinar para o **Minas Gerais** cuja guarnição o recebeu no portaló com hurras. Apesar dos seus 76 anos perseguiu os amotinados pelo litoral sul até que procuraram Montevidéu, onde entregaram o navio. Parecia que quanto mais difícil se apresentava a situação mais Alexandrino se mostrava seguro, aparentando ser o Tenente de 20 anos. Sofreu, porém, no íntimo. Aprouve ao destino conservar-lhe a vida nesse transe decisivo. Marcou-lhe, contudo, o vencimento a curto prazo: a saúde já lhe ia faltando.

Faleceu a 18 de abril de 1926 em sua casa na rua do Aqueduto em Santa Teresa, nº 374, rua que hoje tem o seu nome. Morreu em plena atividade, no seio da Corporação que amava. Transportado o corpo para o Ministério da Marinha, foi o mesmo embalsamado e baixado à sepultura com honras de Chefe de Estado.

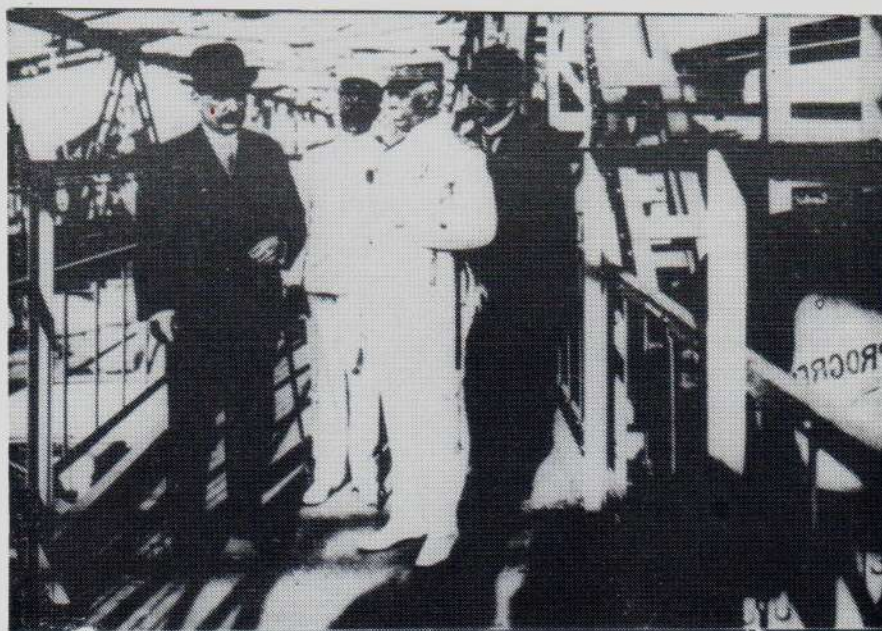
Nele o Almirante e o Ministro foram, sem dúvida, grandes, mas o Homem foi maior, através de guerras, revoluções, realizações e mudança de regime político. Ele foi um brasileiro como todos nós, pleno, porém, de retidão. Ele é a vitória das qualida-

des morais. Nunca pensou em receber, mas dar, trabalhando sem cessar na ânsia de servir e lutar pelo país. Devotou a sua vida, numa deliberada opção, a serviço da Pátria, numa escravidão que só são capazes os grandes homens. Por isso, não envelheceu: morreu jovem, porque seu patriotismo renascia sempre e está presente entre nós. A Morte levou-

lhe o corpo físico, pois tudo pode contra os homens, mesmo os grandes, mas nada pode contra a História que imortaliza seus feitos. Alexandrino de Alencar deve ser sempre lembrado como exemplo constante de entusiasmo, de ação, de dedicação à Marinha e à Pátria. Viveu para o mar. A sua vida, que nesse momento invocamos, é bela pelo passado glorioso

que encerra: é um exemplo que pede imitação.

Seu nome e seus feitos são assim lembrados por esta Turma de 1975 do Colégio Naval que o escolheu como Patrono como compromisso de se espelharem em seu vetusto vulto histórico e patriótico.



O Sr. Presidente da República e Almirante Alexandrino de Alencar, inaugurando a ponte pensil

BIBLIOGRAFIA

Alencar, Alexandrino, — **Aquidaban**, Montevideo, 1895, 32 pgs; **Almirante Alexandrino de Alencar** — Revista Liga Marítima, ano VIII, set. 1914, n. 87; Amaral, Azevedo, — **A Tradição Viva da Marinha**, O Dia, 11 de outubro de 1922; Barreto, Edmundo W. Muniz, — **O Almirante Alexandrino de Alencar** — Jornal do Comércio, 7 de novembro de 1948; Bastos, Miranda, — **A Ponte Alexandrino de Alencar**, Revista da Semana, 11 de abril de 1936; Botto, Carlos Penna, — **Alexandrino de Alencar** — Almirante de Escol — Jornal do Comércio, 17 de outubro de 1951; C.B., — **A volta do Almirante**, O Paiz, novembro de 1922; **Centenário do Almirante Alexandrino de Alencar**, Rio, 1949, poliantéia publicada pelo Jornal do Comércio; **Cinquenta Anos de Serviços à Marinha e à Nação** —

Revista Liga Marítima, ano VIII, fevereiro de 1915, n. 92; Cunha, Eduardo A. de Brito e, — **Almirante Alexandrino** — Jornal do Comércio, 10 de outubro de 1948; **Efeméride (Uma) Gratíssima à Nossa Marinha de Guerra e ao Brasil**, O Globo, 11 de outubro de 1948; Fleming, Thiers, — **A Marinha de Guerra em 1912**, Rio, 1954; Frota, Guilherme de Andréa, — **Notas para uma Bibliografia Naval Brasileira**, Revista Marítima Brasileira, Julho/setembro de 1967; **Homenagem às Vítimas do Dever** (Inauguração do busto de Batista das Neves) — Revista Liga Marítima, ano VIII, dezembro de 1914, n. 90; **Inauguração da Ponte Metálica Alexandrino de Alencar** — Revista O Malho, 6 de março de 1915; Lima, R. M. Costa, — **Recordando...** (diversos artigos de memórias) in Singra, suplemento do Correio da Manhã; Oliveira, José Teixeira de, — **Alexandrino de Alencar** — **O Renovador da Marinha**, A Manhã, Rio, 10 de outubro de

1948; Palha, Américo, — **Soldados e Marinheiros do Brasil**, Rio, 1962, Biblioteca do Exército Ed.; Pangloss (Alcindo Guanabara) — **Comentário A Imprensa**, 5 de janeiro de 1908; Penalva, Gastão, — **A Ilha Fiscal**, Rio, 1963 (publicação da DHN); **Quase 60 Anos de Abnegação ao Serviço da Pátria**, Gazeta de Notícias Rio, agosto de 1922; Rache, Palmira Saldanha, — **Uma Grande Vida** — Jornal Diário de Notícias, 16 de outubro de 1960; Silva, Maurício Joppert da, — **Impressões Pessoais do Almirante Alexandrino**, A Manhã, Rio, 10 de outubro de 1948; Souza, Alves de, — **Um Herói Simples** — O Paiz, julho de 1924; Tenente Victor, — **O Almirante Alexandrino** — A Notícia, outubro de 1923; Villar, Frederico, — **O Almirante Alexandrino Faria de Alencar** — Boletim do Clube Naval ano XXVIII, nº 116, 1948.

A IMPRENSA NAVAL

INTRODUÇÃO

A imprensa foi inventada por João Gutenberg, em pleno Renascimento. Sua máquina de impressão era o deficiente prelo manual. Nele, o papel era colocado, prensado e depois retirado de cima da forma tipográfica, manualmente.

Com o decorrer do tempo, a imprensa foi se modernizando, a composição manual foi substituída pela mecânica, realizada nas modernas máquinas Linotipo.

Uma verdadeira revolução nas artes gráficas, ocorreu com o aparecimento das máquinas rotativas, que são as encontradas nos grandes jornais. Sua principal característica é um jogo de cilindros que permite a rápida passagem do papel.

Atualmente as gráficas estão adotando o prático sistema «off-set» pela rapidez e simplicidade na gravação dos textos e fotografias em suas chapas impressoras.

Nas impressões coloridas é necessário que o papel passe entre seus cilindros uma vez para cada cor. Porém, já existem máquinas «off-set» capazes de imprimir ao papel, que passe nela uma única vez, quatro cores distintas.

De Gutenberg até nossos dias, o complexo industrial gráfico evoluiu magnificamente e contribui com uma parte vital para o mundo em que vivemos.



Máquina Linotipo, com o operador acionando suas teclas



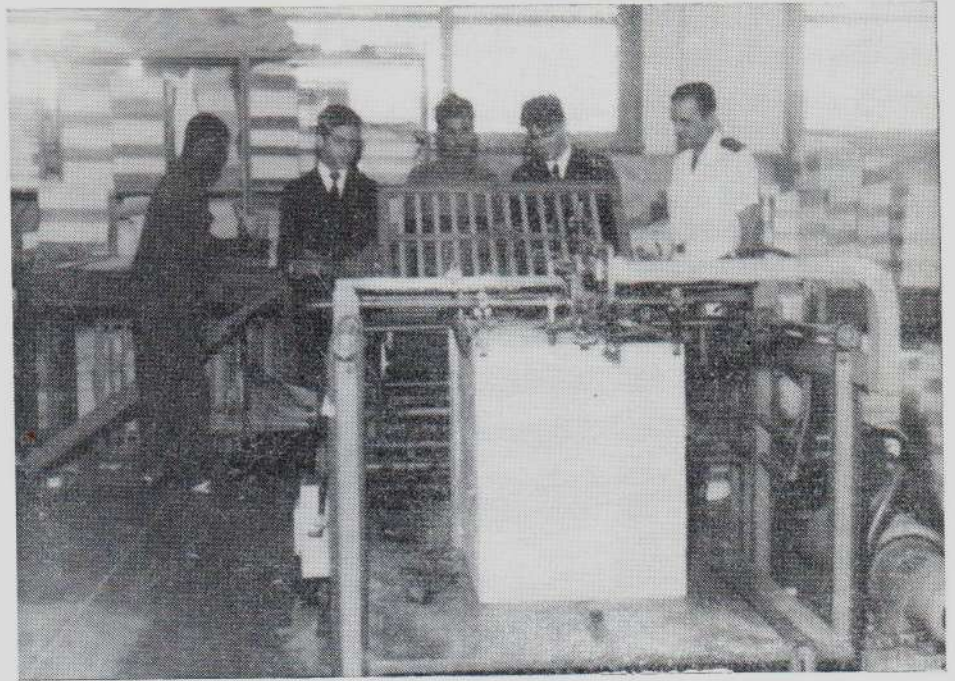
Moderna máquina «off-set», capaz de imprimir quatro cores distintas

IMPRENSA NAVAL

Como exemplo prático e atuante de indústria gráfica, escolhemos, para esta matéria, uma das organizações da nossa Marinha, a IMPRENSA NAVAL, localizada no município de Duque de Caxias.

Conduzidos à presença do Sr. Diretor, CMG (IM) — Fernando Cardoso Vianna, este nos recebeu cordialmente e colocou à nossa disposição seu secretário, Sr. Irineu, que, inteirado do nosso propósito, percorreu conosco todas as dependências da IMPRENSA. Esta compreende dois pavimentos amplos e arejados construídos especialmente para atender às necessidades dos variados serviços sob a responsabilidade daquela organização.

Das oficinas que formam o complexo industrial, a primeira a ser visitada foi a de Composição. Lá tivemos a oportunidade de ver em funcionamento as máquinas Linotipo, que preparam em linhas de metal, numa temperatura de cerca de 525°C, a matéria a ser impressa. Finalmente, os impres-



Dobradeira, uma das máquinas da seção de Encadernação

sos seguem para a seção de Encadernação, incumbida de dar os últimos retoques.

—o—

Envolvidos pela curiosidade de tudo quanto havíamos visto, iniciamos a entrevista com perguntas alternadas e objetivas:

— Qual a finalidade principal da Imprensa Naval dentro da

estrutura orgânica da Marinha?

— Como órgão de apoio, é a Imprensa Naval responsável pela confecção de todo material impresso utilizado pelos órgãos navais.

— Pode a Imprensa Naval atender a pedidos de trabalhos extra-Marinha?

— Pode e deve, a fim de atender às disponibilidades de seu maquinário e mão-de-obra.

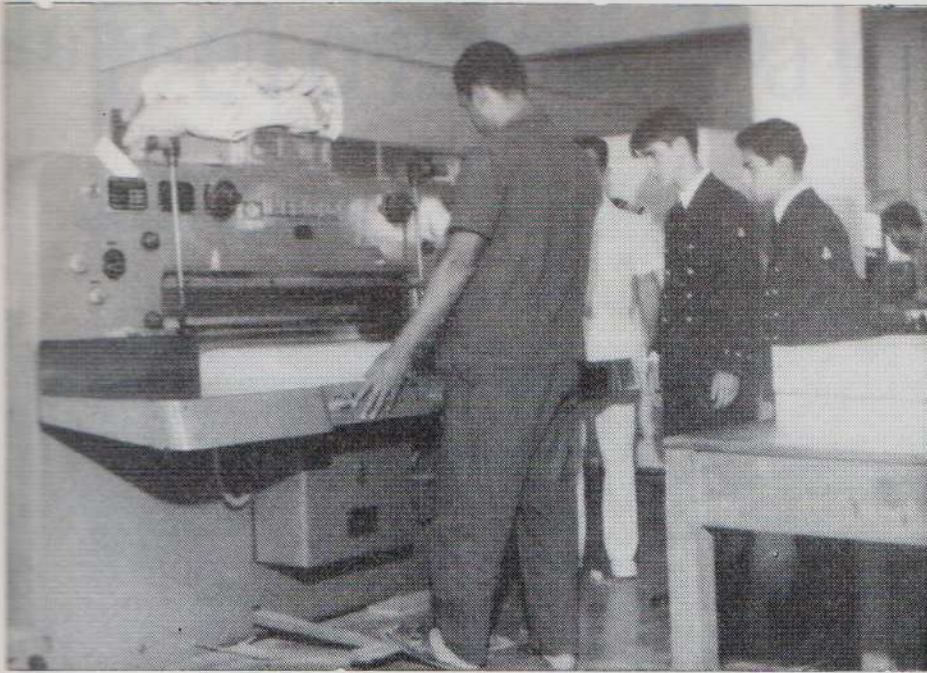
— Dispõe a Imprensa Naval de máquinas e equipamentos modernos que atendam às exigências do indiscutível progresso registrado no ramo das artes gráficas?

— Embora com as limitações impostas pelos recursos orçamentários, pouco a pouco a Imprensa Naval vai modernizando seu parque gráfico, procedendo a sua substituição sempre que possível, de máquinas obsoletas por aquelas criadas dentro da nova tecnologia.

— Comenta-se que o sistema de impressão em «off-set» veio revolucionar o campo das artes gráficas. Como vê o senhor esta transformação?



Os alunos Groetaers e Daltro sendo recebidos pelo Sr. Diretor da Imprensa Naval



Guilhotina automática efetuando o corte de papel

— A tendência natural é a modificação de todo sistema gráfico para o processo de impressão em «off-set». Tal mudança, porém, depende não só na aquisição de máquinas, como na preparação dos elementos que atenderão ao seu funcionamento.

— Conta a Imprensa Naval com estas modernas máquinas?

— Atualmente cerca de 30% do maquinário obedece à nova linha esperando-se que no futuro todo o equipamento, não só o que se refere à parte de impressão, mas de todo complexo gráfico, seja aquele que atenda o progresso verificado no campo das artes gráficas.

Esta é uma visão muito resumida de como funciona o complexo industrial-gráfico da Imprensa Naval, organização responsável pelo fornecimento de todo material impresso para a Marinha, unidade de apoio indispensável ao bom andamento de todos os setores da Armada.

Satisfeitos por tudo quanto nos foi dado a ver e saber, agradecemos à acolhida amável que nos foi dispensada durante a visita àquela gráfica, que foi a escolhida para a impressão da nossa FRAGATA.



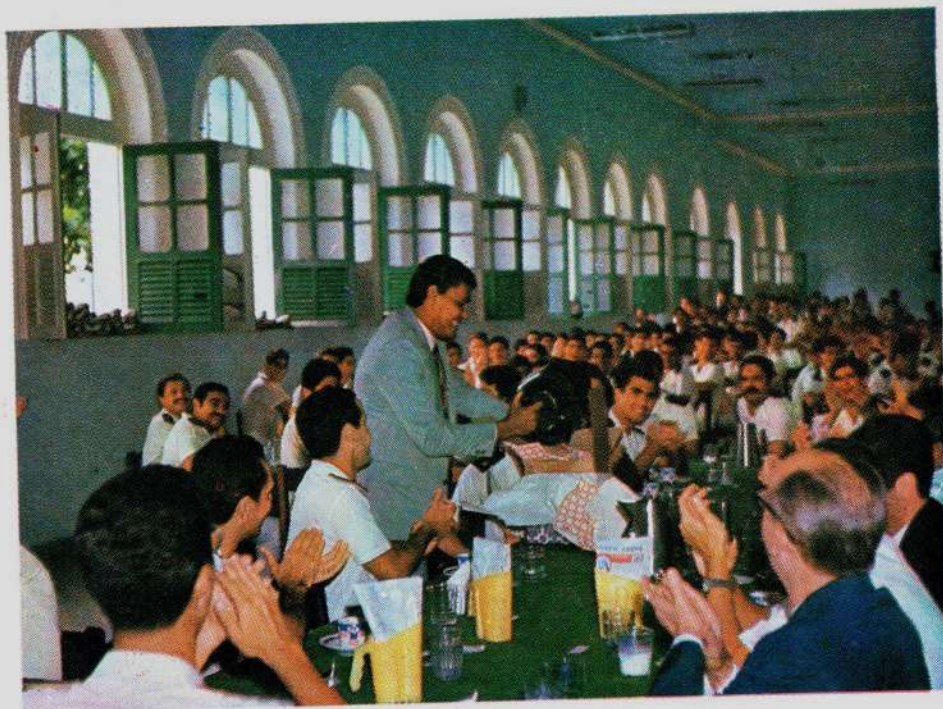
Máquina «off-set» de perfil, com seus rolos apontados por um funcionário

A Vida Social no Colégio Naval

Al. Paulo César D'Império Teixeira

As festas foram os pontos altos de nossa vida social. Em meio a um ambiente no qual a animação era o fator predominante realizaram-se o Baile do Calouro, a Festa Junina e o Baile de Aniversário do CN.

O ano de 1975 foi marcado por uma série de eventos que, sem dúvida alguma, promoveram um conagração justificada e contagiante entre os alunos. Palestras, festas, competições esportivas, sessões cinematográficas, exposições artísticas e científicas enfim, tudo contribuiu de uma tal maneira para essa confraternização que hoje sentimos, e muito, as saudades daqueles tempos.



O almoço dos 30 dias — Marco inesquecível de um final de ano glorioso porém, melancólico

Premiados com a presença de várias delegações femininas, que emprestaram ao Colégio um ar de ternura inédito são esses bailes lem-

brados pela ansiedade, animação e alegria reinantes.

Foram realmente marcos inesquecíveis do nosso dia a dia no CN.



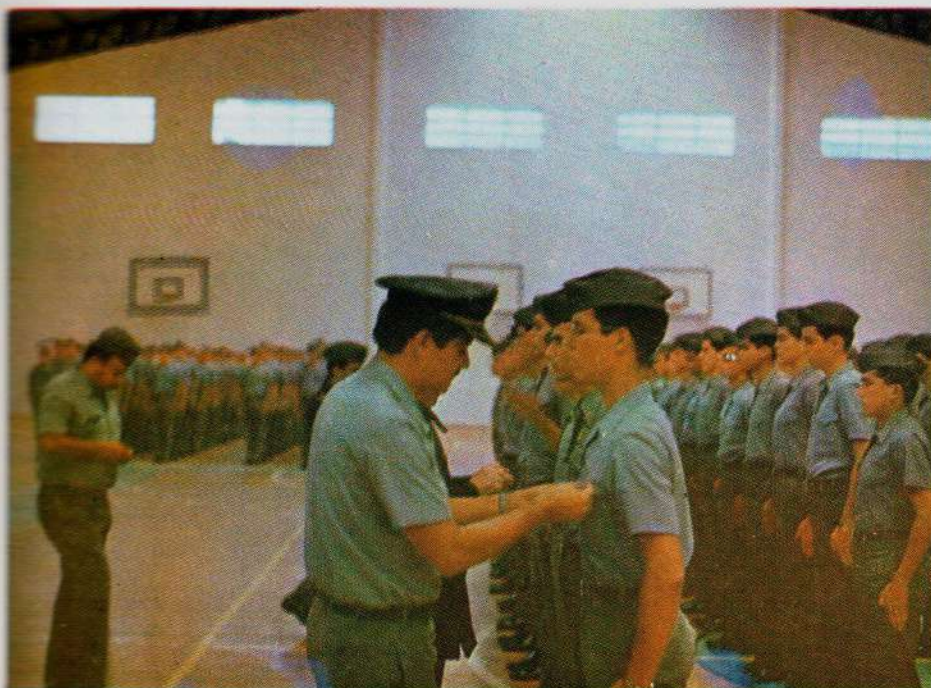
Festa Junina — Foi o baile mais animado de 1975. Contamos com a participação do Colégio Nossa Senhora do Rosário, Colégio Brigadeiro Short e Colégio Paulo de Frontim

* * *

Baile do Calouro



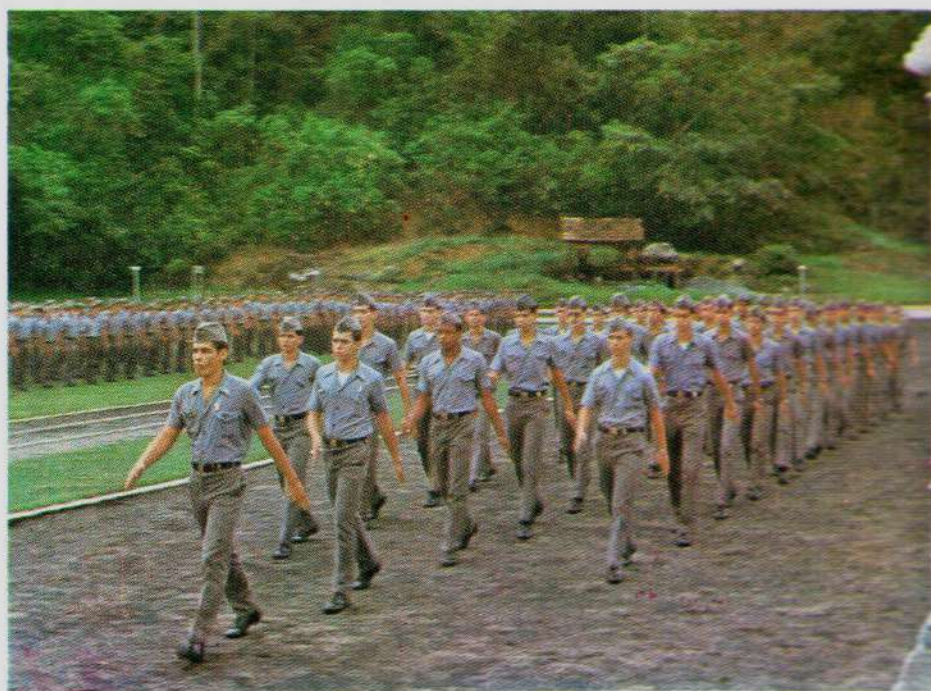
Pelotão Tamandaré



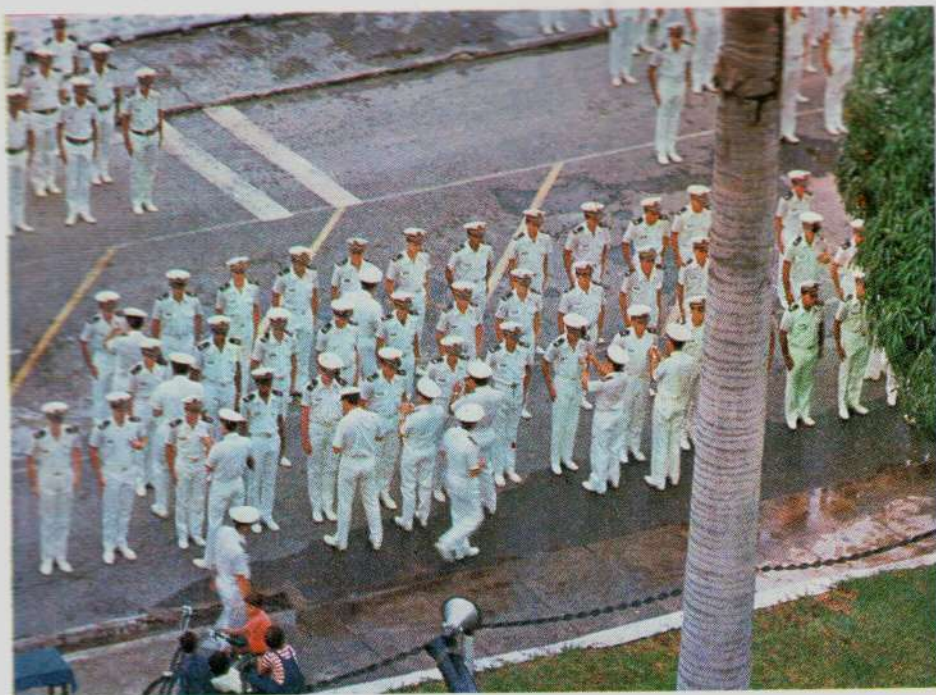
Distinguido como o melhor pelotão do Colégio, o Pelotão Tamandaré é, antes de tudo, um exemplo, um incentivo, um prêmio à dedicação de um grupo de jovens que juntos, formam esta elite invejada.

Comandado pelo aluno Jader, o 2º Pelotão da 2ª Cia. foi o primeiro dos 3 mais

Nas fotos testemunhamos a premiação dos 3 melhores pelotões de 1975 com o cobiçado símbolo de «Excelência».



O 2º Pelotão da 4ª Cia., comandado pelo aluno Reichert, foi o 2º Pelotão Tamandaré de 1975



...
 Fechando o Trio vem o 2º Pelotão da 1ª Cia., comandado pelo aluno Paulo César

ANGRA DOS REIS + COLÉGIO NAVAL = HOSPITALIDADE x AMIZADE x CARINHO

Mais uma turma de Segundo-anistas parte para a Ilha de Villegaignon (Escola Naval).

Ficará sempre marcada em suas memórias a cidade onde, pela primeira vez, deixando o aconchego de suas famílias, vieram a ser carinhosamente recebidos por todos vocês, amenizando assim a falta dos seus familiares.

Desejamos aqui frisar, agora que os conhecemos bem e de perto, que foi uma

honra e uma satisfação termos convivido com esta gente boa de Angra dos Reis. Deus os guarde e disponham de todos nós em qualquer que seja o lugar onde estejamos agora e sempre.

Muito obrigado pela atenção que nos deram.

Segundo-anistas
 do Colégio Naval em 1975

CAPOEIRA

Al. Mário Costa Filho



Demonstração entre os jogos de basquete e vôlei, na competição EN X CN

Esta luta não se propõe a formar futuros brigões, como muitos pensam, mas sim à arte da defesa pessoal.

Com o tempo, a Capoeira dá o domínio completo do corpo, havendo, como consequência, a harmonia da mente com o mesmo.

A grande vantagem é o jovem adquirir uma boa auto-confiança.

Com esta mentalidade, a Capoeira voltou ao Colégio este ano. Sob o ensinamento do Mestre WALDIR SALES, os alunos alcançaram alto nível técnico. É bom frisar que este nível nunca foi tão alto, em quantidade como em qualidade.

Durante o ano, foram feitas excelentes demonstrações como: na Festa Junina, no Clube Comercial (Angra dos Reis), nas competições EN x CN (sob luz negra) e durante o show no Auditório deste Estabelecimento de Ensino, no fim do mês de novembro.

Confraternizamo-nos com as equipes da EN e do CENIAB — (Angra dos Reis). Neste último, sempre há alunos nossos em seus treinamentos, aumentando assim, indiretamente, os laços de amizade entre a cidade e o Colégio.

= SOLENIDADES =

ENTUSIASMO

CIVISMO

PATRIOTISMO

Al. Paulo César D'Império Teixeira

Dentre os vários festejos cívicos de 1975, ressaltamos pela importância e beleza as solenidades comemorativas do Onze de Junho, do Sete de Setembro e do Dia da Bandeira.

ONZE DE JUNHO: RIACHUELO

Com a oferta de uma coroa de flores ao busto de Greenhalgh e um desfile pelas ruas da cidade,

festejou-se a passagem de mais um Onze de Junho.

Presentes o Exmo. Sr. Diretor do Colégio Naval, Altmte. Milton Ribeiro de Carvalho, o Prefeito da cidade e demais autoridades.

ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Festejando o 153º aniversário de nossa independência, desfi-

lou o batalhão escolar em Angra dos Reis, dando continuidade às comemorações da Semana da Pátria.

A expectativa e a alegria causadas pela passagem do Colégio vinham premiar os nossos esforços em oferecer ao povo da cidade uma festa realmente digna de um Sete de Setembro.

Comandados pelo Capitão-de-Corveta Fernando Augusto da Rocha Fernandes souberam os alunos arrancar elogios da platéia que, além de engrandecer a festa, aprimorava a imponência da data.

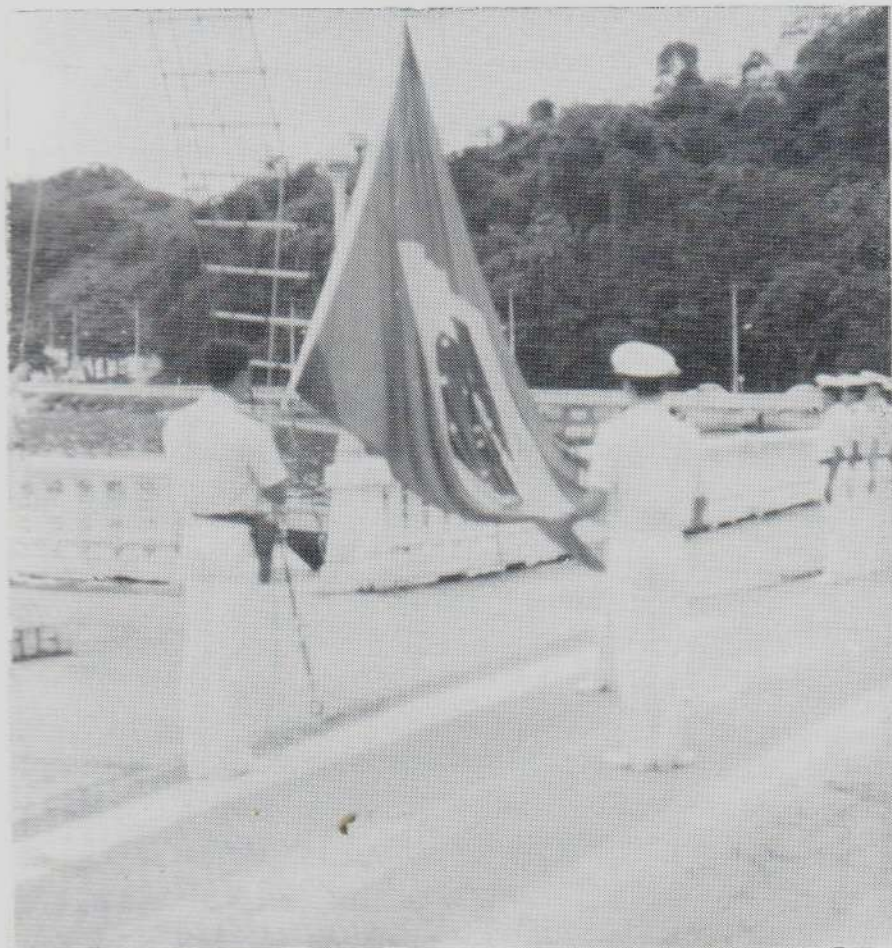
Desfilou o Colégio perante o seu Diretor, Prefeito da cidade e demais autoridades.

19 DE NOVEMBRO: DIA DA BANDEIRA

Uma elocução proferida pelo professor Frota, salvas dos canhões do Colégio, incineração do Pavilhão Nacional e a leitura da ordem-do-dia do Exmo. Sr. Ministro da Marinha, foram alguns dos eventos de Festa da Bandeira.

Presentes o Sr. Diretor do Colégio Naval juntamente com os demais oficiais, alunos e componentes da guarnição.

Tivemos, na ocasião, a honra de receber uma delegação de estudantes de Angra dos Reis.



Na Festa da Bandeira, o Pavilhão Nacional é incinerado e substituído

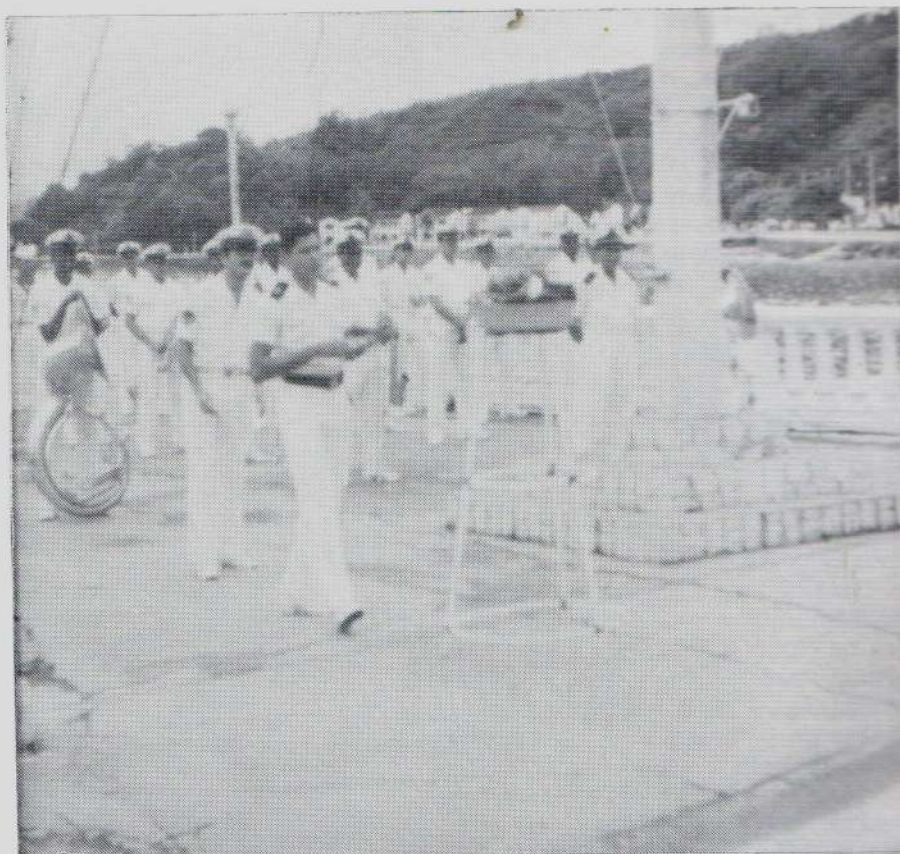
BRASILEIROS!

Diante de nós tremula a Bandeira do Brasil, símbolo da Pátria, chama viva do ardor que existe no interior de todo o brasileiro.

A origem de tão magno conceito situa-se na Idade Média europeia, quando, desaparecida a noção de Império, prevaleceu o direito de **ban**, bárbarico, pelo qual o cavaleiro exercia a sua autoridade efetiva sobre a terra e a gente de sua propriedade. E para demonstrar a sua presença, formou-se o hábito de estampar em fino brocado as suas cores, o qual, amarrado na ponta de sua lança fincada ao solo, era visto ao longe, atraindo os dóceis vassallos à sua proteção, ou causando temor e respeito aos inimigos. Nascia a bandeira, resultado lógico deste direito, logo reverenciada, pois representava a própria essência de seu mandatário, batendo-se por ele e por ela, em estreito conúbio, os cavaleiros de escol e seus peões. E quando um desses suzeranos, mais forte e audaz, tornava-se Rei, estendia a seus territórios e aos que em seguida conquistava o seu indiscutível direito de **ban**, presente nas bandeiras que impunham a sua autoridade aos povos submetidos. Era o despertar das Nações!

O jovem reino português, conseqüência das lutas da Reconquista, trouxe ao Brasil descoberto a sua Bandeira, reflexo da Fé Católica do Infante D. Henrique, e fixou-a firmemente na extensa

Alocução à Bandeira, proferida pelo professor Guilherme de Andréa Frota em 19 de Novembro de 1975, em solenidade do Colégio Naval.



Na Festa da Bandeira, o Pavilhão Nacional é incinerado e substituído

costa atlântica, alijando outras que por ventura pensaram em abocanhar as virgens terras americanas. Levou-a, em memorável epopéia, a desconhecidos interio-

res, empenhando-se em árduas lutas com o gentio hostil e com os conquistadores espanhóis em plagas sulinas. E não foi sem razão que os desbravadores do sertão



O Diretor do CN, Almirante Milton e a homenagem à bravura de Greenhalgh

SETE DE SETEMBRO

ficaram conhecidos como bandeirantes. Formava-se, assim, nesses séculos coloniais, o espaço físico da nacionalidade brasílica, que, explodindo em movimentos disformes e nativistas, ocorridas no século 18, levantaram a flâmula da libertação em busca da Independência! Já nasciam os elementos constitutivos de nosso atual País.

A 7 de setembro um novo Império surgia. Criada a Bandeira pelo fino traço do pintor Debret, que conjugou as cores das Casas de Bragança e Áustria em em bela composição heráldica, entregue por Pedro I ao jovem Tenente Luis Alves de Lima e Silva, do Batalhão do Imperador, primeiro militar a recebê-la, parte para os campos de batalha transportada por peitos arfantes de brasilidade, a fim de alijar os redutos de lusitanismo existentes, e sobe aos mastros dos navios da Armada Imperial, afugentando as dúvidas nesses albores da nacionalidade. Beija as águas do Tejo levada por Taylor, num dos feitos de maior audácia da Marinha de todos os tempos! Nas terras platinas impõem a superioridade das forças brasileiras contra os governos despóticos de nações vizinhas. Inúmeros os que tombaram em sua defesa quando Solano Lopez invadiu o solo pátrio exigindo o desagravo. E na manhã de Riachuelo encorajava seus filhos contra forças numericamente superiores que não lograram por-lhes a mão. Por ela morriam Marcílio Dias e, depois, Mariz e Barros, autênticos heróis. Pôde Inhaúma atravessar Humaitá, levando-a a tremular neste reduto que ninguém conquistaria... Com ela o bravo Caxias enfrentou a penosa marcha pelo Chaco lodacento e desencadeou a ofensiva de dezembro. Quantos não puderam saber ter sido nossa a vitória!

Conservou o Marechal Deodoro, em essência, a mesma Bandeira, num testemunho lúcido da contínua marcha da História. No lugar das armas imperiais punhasse um círculo azul representando o céu constelado de 15 de novembro.



O CC Fernandes comanda o desfile militar

Fixou-se ela firmemente em nossas fronteiras terrestres, que se consolidavam graças à inteligência de uma sábia política diplomática no despontar da vida republicana. Levada aos conflitos europeus, como partes da solidariedade panamericana, nas duas Grandes Guerras Mundiais, não desmereceu a férrea vontade de seus filhos, quer em águas conflagradas da I Guerra, arvorada nos mastros da famosa Divisão Naval, quer nos campos italianos da II Guerra onde inúmeras vitórias a cobriram de glórias. Era o fulgor de uma raça que a muitos entontece!

Nos mastros de nossos navios de guerra nunca permitiu que a quilha de estranhos, com dúbias intenções, sulcasse o nosso mar territorial, palmilhando, sempre sobranceira, a nossa extensa fronteira marítima. Levando a mensagem brasileira e o espírito jovem de um raça em desenvolvimento, ombreia, junto com a de outros países, em admirável concerto, nos organismos internacionais.

É assim, pois a Bandeira Nacional não somente a presença

simbólica da nacionalidade latente, seja qual for o vento que a riçe, mas a síntese da evolução de nossa História, o legado de nossos ancestrais, o riso, o pranto, a dúvida e a certeza dos que nos precederam, o esforço que dispenderam os nossos heróis para não ser maculada. Hoje, em dia a ela dedicado, enfeixamos em expressiva homenagem a reverência permanente. Conservá-la, levando-a, é nosso precípua dever, é a obrigação das gerações presentes. Formemos, então, uma milícia patriótica e engajemo-nos na solene vigília contra quaisquer enfermidades e ideologias alienígenas que porventura queiram conspurcá-la, quebrando o ritmo das nossas tradições. Irmanemo-nos nos ideais nela expressos de Ordem e Progresso, indispensáveis a consecussão dos altos destinos que almejamos transmitir às gerações do futuro.

E o brasileiro, orgulhoso da sua Nação, orgulhoso da sua gente, orgulhoso das suas instituições políticas, deve dizer com soberba consciência, voltado para a imagem santíssima da sua Bandeira gloriosa:

«Curso Especial de Mergulhador de Combate»

Al. Paulo César

Histórico

O mergulho de combate foi a estratégia naval predominante durante a II Guerra Mundial, por parte principalmente dos americanos. Operando no Pacífico, logo desembarcando em praias repletas de recifes e obstáculos do inimigo, a esquadra sentia falta de algo que sanasse essas falhas e apoiasse o desembarque das tropas anfíbias, assegurando o sucesso da missão. A princípio, este apoio foi dado por escafandristas que cientes de um desembarque, rumavam para o local escolhido a fim de fazer um reconhecimento anfíbio da costa para que, no dia marcado, eles pudessem realmente desobstruir a área, apoiando o desembarque. A partir de então, esse grupo de mergulho foi se aperfeiçoando e aumentando até que surgiu a chamada "guerrilha submarina", pois uma vez considerada a relativa autonomia desses homens, é justificado este termo.

Em 1970 é criada na Base Almirante Castro e Silva o "Curso Especial de Mergulhador de Combate" que, a princípio, enfrentou várias dificuldades, como a falta de instrutores e a falta de interesse,

apesar da existência de uma organizada infra-estrutura na "divisão". O *mergulhador de combate*

O mergulhador de combate é aquele indivíduo altamente treinado e capacitado a causar danos a qualquer coisa e em qualquer lugar.



Utilização de Kaiacs para aproximação dos objetivos



Mergulho com equipamento de circuito fechado para ataques submarinos

Danificar portos e navios comerciais, portos e navios de guerra, terminais petrolíferos, oleodutos, faróis, antenas estações-rádio, enfim, destruir qualquer coisa que se fizer necessário. O reconhecimento de praias, o combate a focos subversivos, a desobstrução de entradas de portos e canais e o auxílio em caso de calamidade pública são outras faces dos propósitos de um mergulhador.

O treinamento destes homens é duro e extenuante. Para que um candidato seja admitido ao curso, ele tem que se submeter a provas de tais envergaduras que o simples psicotécnico e exame físico anteriormente exigidos parecem infundados e desnecessários.



Treinamento de operações terrestres

A "Semana do Inferno", a famosa semana na qual o indivíduo trava o primeiro contato com a vida que doravante levará, é um exemplo do que acabamos de afirmar. Nela o homem é submetido a todos os tipos de privações e sofrimentos. Oficiais e praças, todos são exigidos ao máximo de suas capacidades físicas e psicológicas. Como a união e a mística são requisitos imprescindíveis num grupamento como este,

não é de se estranhar o fato do oficial ser, simbolicamente, despojado de seus galões e platinas antes de se submeter ao curso.

Tomadas essas medidas, é iniciado o treinamento físico, ao mesmo tempo em que são administradas aos alunos noções sobre incursões submarinas, demolição, operações anfíbias, medicina e operações especiais. O número de desistentes du-

rante o curso é avultado e assustador, mas não o bastante para preocupar os instrutores, pois assim eles podem ter certeza de que aqueles que o completarem estarão realmente aptos a enfrentar qualquer dificuldades que por ventura venham a encontrar. Um outro aspecto muito exigido durante o treinamento desses homens é o condicionamento psicológico. Um mergulhador de combate não pode ser um indivíduo descontrolado e fraco. A tenacidade é um requisito importantíssimo que, juntamente com a perseverança e a força de vontade, transformam o grupo numa elite.

Terminada essa primeira fase de treinamento, os aprovados vão servir por dois anos no Grupo Operativo da Divisão de Mergulhadores de Combate (Base Almirante Castro e Silva), onde são submetidos a outra fase do curso. Não menos extenuante ou exigente, essa segunda fase do treinamento é, podemos assim dizer, o último degrau para o aperfeiçoamento desses homens. Nela, os mergulhadores participam de operações conjuntas com outras marinhas (Unitas, Dragão, Veritas, Ninfa, etc...), onde são aprimoradas as suas técnicas de ação. Passada essa fase, está o mergulhador apto a realizar com êxito qualquer missão que lhe seja confiada.

Conclusão

Podemos então entender o Mergulhador de Combate como um prolongamento do submarino, dado ao fato de ele viajar neste até onde puder e seguir só, quando em águas que não ofereçam uma navegação segura.

"É o mergulhador de combate o batedor de nossa Marinha".

(Nossos agradecimentos ao CT Toscano, que forneceu os dados necessários à confecção desta reportagem).



Demolições submarinas

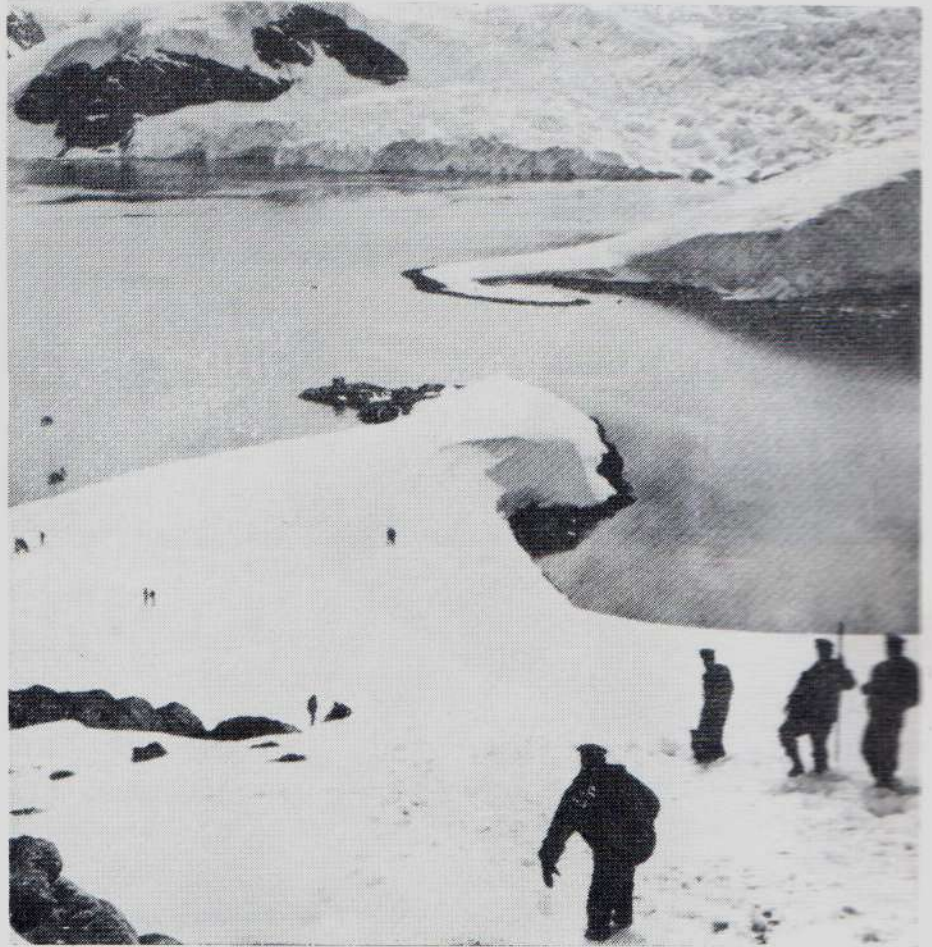
O Sétimo Continente

Aluno JOÃO PEDRO CAMINHA ESCOTEGUY

Durante os últimos anos as atividades de pesquisa de vários países levaram o continente da Antártida à opinião pública.

Atualmente, cientistas da Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, França, Japão, Nova Zelândia, Holanda, Noruega, África do Sul, URSS, Reino Unido e dos Estados Unidos trabalham lado a lado a fim de aumentar nosso conhecimento sobre a imensa terra e a massa de gelo que envolvem o Pólo Sul. Numa atmosfera de paz e amizade, cientistas soviéticos da Estação Vostok trocam informações com seus colegas americanos em McMurdo. Isso durante todos os dias do ano — inverno ou verão.

Somente há uns 60 anos o homem passou o seu primeiro inverno na Antártida. As experiências de cientistas como Scott, Amundsen e Shackleton, realizadas no início do



século, são completamente diferentes daquelas feitas pelos grupos científicos de hoje, com tratores no lugar dos trenós, aviões modernos, helicópteros, melhores quebra-gelos, além das rádio-comunicações atuais que substituem os diários escritos.

Não podemos, contudo, pensar que a Antártida tornou-se uma parte do mundo fácil de ser atingida. Apenas uns 5.000 homens e um punhado de mulheres colocaram os pés no continente.

Defendida por icebergs e fortes ventos, é ainda pouco acessível. É separada da terra mais próxima por 600 milhas do pior mar do mundo — a passagem de Drake. Contornar o cabo Horn foi por



quisas sobre magnetismo, meteorologia, oceanografia, paleontologia, etc. Da sua posição resulta uma tremenda importância estratégica, no caso de um conflito mundial. Para completar, há indícios comprovados de extensos depósitos de carvão, petróleo, urânio, oferecendo uma perspectiva econômica das mais favoráveis.

Contudo, tanto a exploração econômica quanto o uso estratégico permanecem num futuro não muito próximo. Mesmo assim, a área é de vital importância. Sua ocupação tem provocado inúmeras discussões.

E o Brasil, como potência marítima, prepara-se para desempenhar seu papel na exploração e pesquisa deste continente gelado, muito tempo o supremo teste para os navegantes.

muito tempo o supremo teste para os navegantes. A esses marinheiros era permitido colocar um pé sobre a mesa após os jantares, e isso em qualquer lugar do mundo. Aqueles que já tivessem se aventurado ao sul do Círculo Polar eram permitidos a colocar ambos os pés. Tal fato deve ser encarado como um símbolo de superioridade conferida a esses marujos.

A Antártida não tem história própria, pois foi originalmente despovoada.

A fantástica curiosidade do homem, que o leva a escalar as mais difíceis montanhas, a explorar o fundo do oceanos e o fim do universo, a penetrar nas perigosas florestas tropicais, o impele a atravessar os "plateaus" de gelo das regiões polares.

Alguns fatos "enregelantes"

Existem motivos de sobra para o atual interesse pela Antártida. Nenhum outro ponto do globo oferece tamanhas condições para pes-



PASSAGEM DE COMANDO



◉ Almirante Milton, o já então Diretor do Colégio Naval CMG Jelcias, e as honras da despedida

A manhã do dia primeiro de julho mostrava-se radiantemente festiva. A alvorada, interrompendo o individualismo da natureza, levou aos alunos não apenas esse espetáculo mas, também, um grande sentimento de despedida. Há meses, assumira o cargo de diretor do Colégio Naval, substituindo o CF Carlos Augusto da Silva Figueira, o então CMG Milton Ribeiro de Carvalho. O comandante Milton, apesar do curto espaço de tempo que passou no CN, demonstrou tal afeição e interesse para com as coisas do Colégio, que todos os seus su-

DESPEDIDA

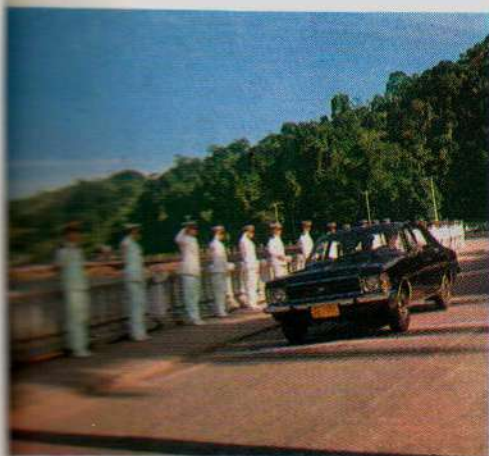
Al. Paulo César D'Império Teixeira



O Almirante Milton fala ao CN

bordinados passaram a tê-lo não apenas como o seu comandante mas, principalmente, como um exemplo para todos aqueles que aspiram ao comando.

A promoção ao cargo mais visado de toda a Marinha, o «Almirantado», forçou o já então almirante Milton a se despedir do Colégio, deixando conosco as mais diversas formas de incentivo e admiração. Assumia a direção do Colégio Naval o CMG Jelcias Baptista da Silva Castro.



Os alunos homenageiam seu antigo diretor

CONTROLANDO OS MARES

Aluno: João Pedro Caminha Escosteguy

Os últimos combates da Segunda Grande Guerra introduziram novas armas que prontamente superaram as convencionais. A concepção de uma batalha, bem como a função do armamento foi totalmente modificada.

Ao terminar a luta, os exércitos aliados eram tão numerosos que, em caso de uma das partes se tornar beligerante, artefatos convencionais não seriam suficientes para prover uma defesa eficaz.

Contudo, os Estados Unidos e a Inglaterra tinham a vantagem do virtual monopólio da produção de explosivos atômicos. Aviões bombardeiros foram especialmente desenhados para a utilização de tais bombas. O porta-aviões, que afirmou a sua supremacia durante a década de quarenta, teve seu projeto inteiramente modificado. Planos de construção de super navios-aeródromos foram postos em prática.

Entretanto, o elevado custo de produção, o desastroso perigo de

uma perda e o advento de aeronaves de decolagem vertical (VTOL — vertical take off and landing) comprometeram o futuro desses monstros.

Assim, a tendência atual é a de aquisição de porta-aviões médios capazes de desempenhar o mesmo papel dos "antigos". Pelo seu relativo baixo custo, muitas unidades vêm sendo lançadas. Dispensam o convés de voo (CONVÃO) em ângulo, grande parte dos aparelhos de apoio à navegação aérea, etc...



U.S.S. Bainbridge, fragata nuclear norte-americana, equipada com Terrier e ASROC

A ESCOLTA DO PORTA-AVIÕES

Esse processo começou durante a guerra no Pacífico. Cruzadores e destroyers eram utilizados.

Os novos programas prevêm: adoção de mísseis em lugar de canhões e armas submarinas obsoletas; substituição do vapor pela energia atômica como propulsão.

Oferecem a necessária proteção:

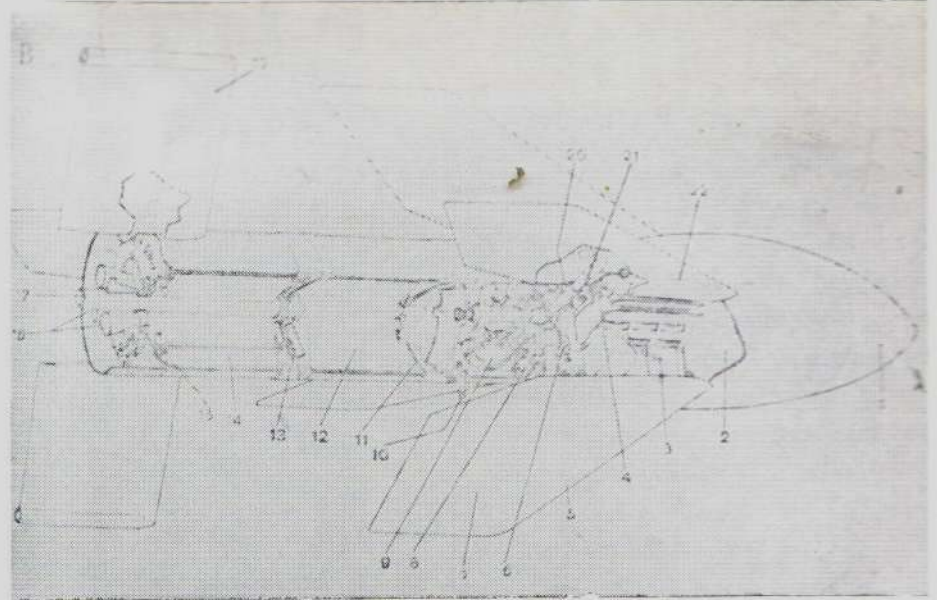
— *anti-aérea*: Um grave problema que teve de ser superado foi o do pequeno espaço disponível a bordo. O complexo aparato de controle dos mísseis com base em terra não poderia ser embarcado. O sistema "beam riding" contornou

esse obstáculo (para a direção, utiliza ondas eletromagnéticas lançadas sobre o alvo). O primeiro míssil operacional superfície-ar foi o Terrier. Atualmente, há diversos tipos: Talos, Tartar, Masurca, etc... Bem mais simples é o Seacat, operado através de aparelho ótico, que armará as fragatas da classe Niterói.

— *de superfície*: Embora o canhão naval não tenha sido substituído, mísseis com o Exocet, Gabriel

e SS 12 M possuem grande poder de fogo e igual precisão.

— *anti-submarina*: O ASROC (anti-submarino rocket ou foguete anti-submarino) é capaz de alojar um torpedo, que é liberado ao se aproximar da água. Esta ativa as baterias, iniciando uma procura acústica do submarino inimigo. O Malafon e o Ikara são muito semelhantes. O lançador de foguetes anti-submarinos também é utilizado.



O Seacat (superfície-ar)

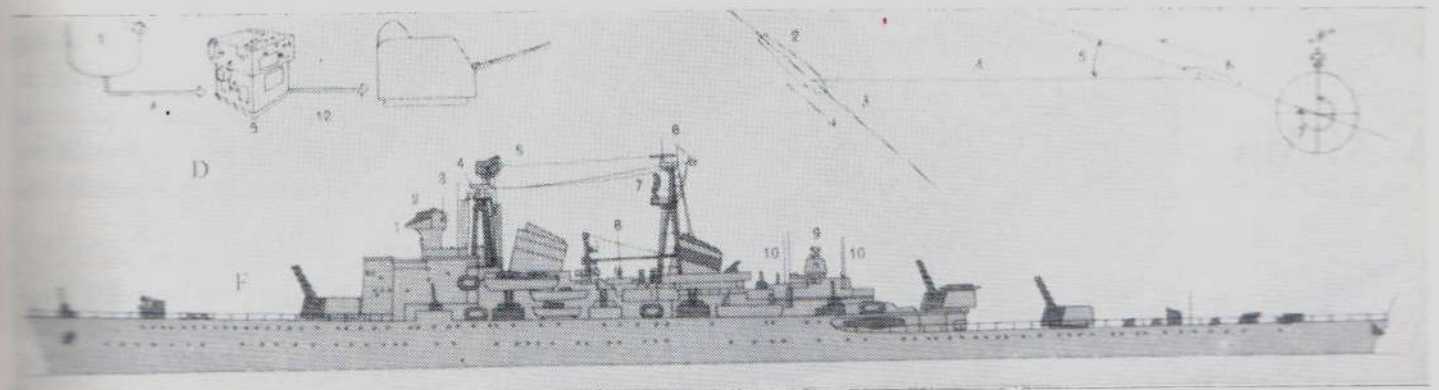
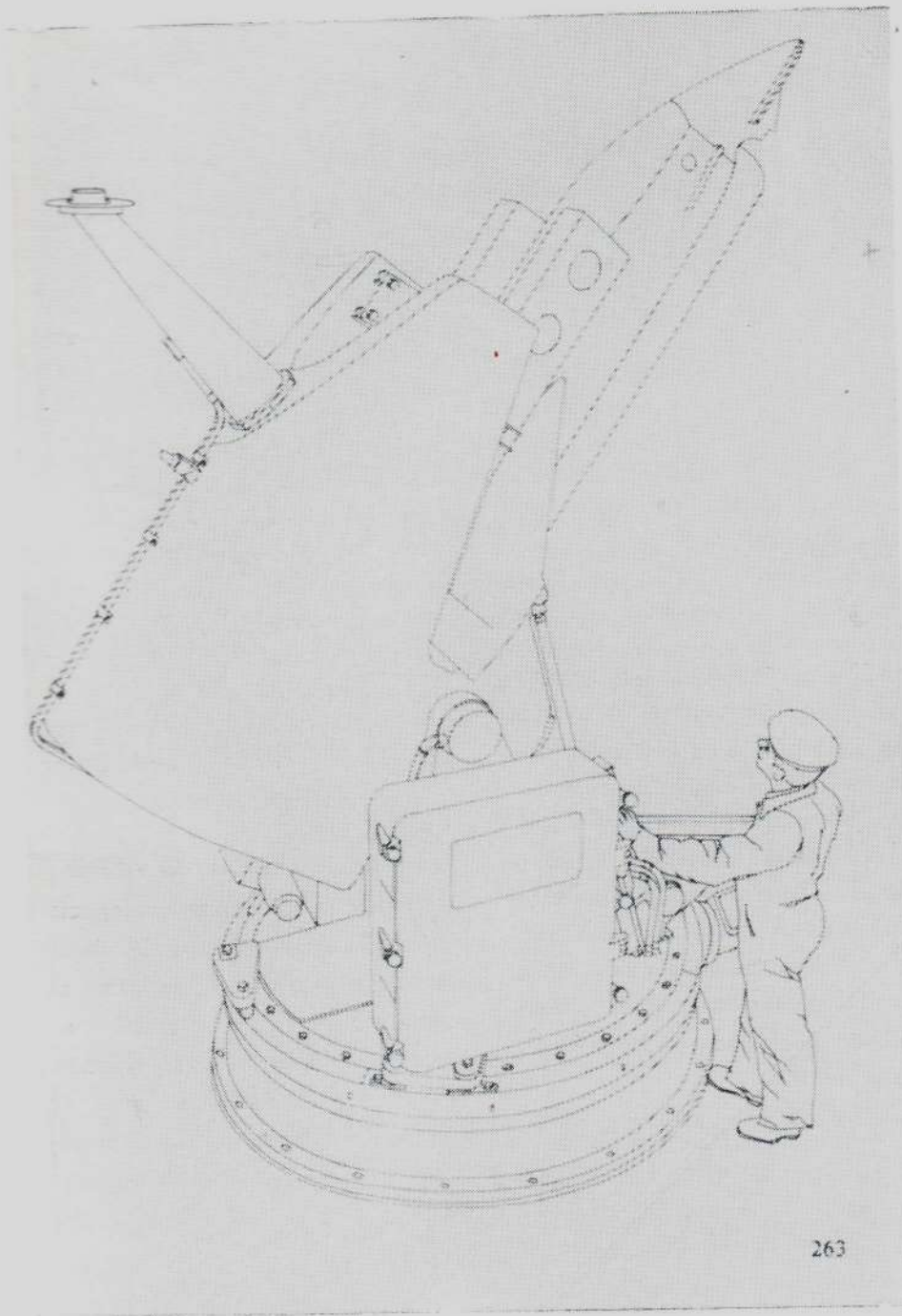
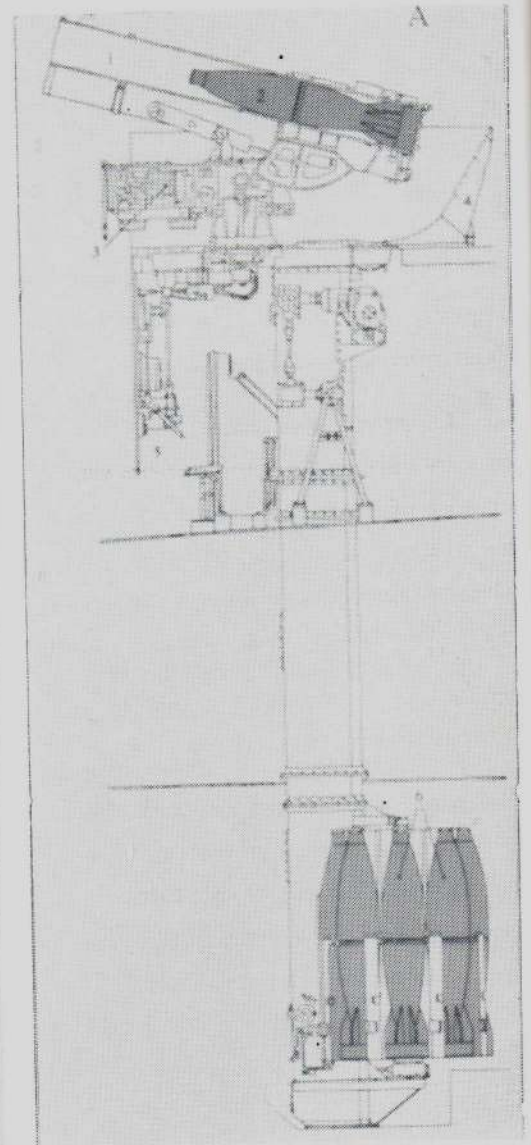


Fig.: (1) radar de controle de tiro da bateria principal; (2) torre de controle de direção; (3) «orange finders»; (4) radar de navegação; (5) radar para detecção de aviões; (6) radar de superfície; (7) radar de detecção da altitude do alvo; (8) radar do armamento para ataque a curta distância; diretora de ré (9); (10) antena do telégrafo



O Ikara (anti-submarino)

Lançador de foguetes Anti-Submarinos

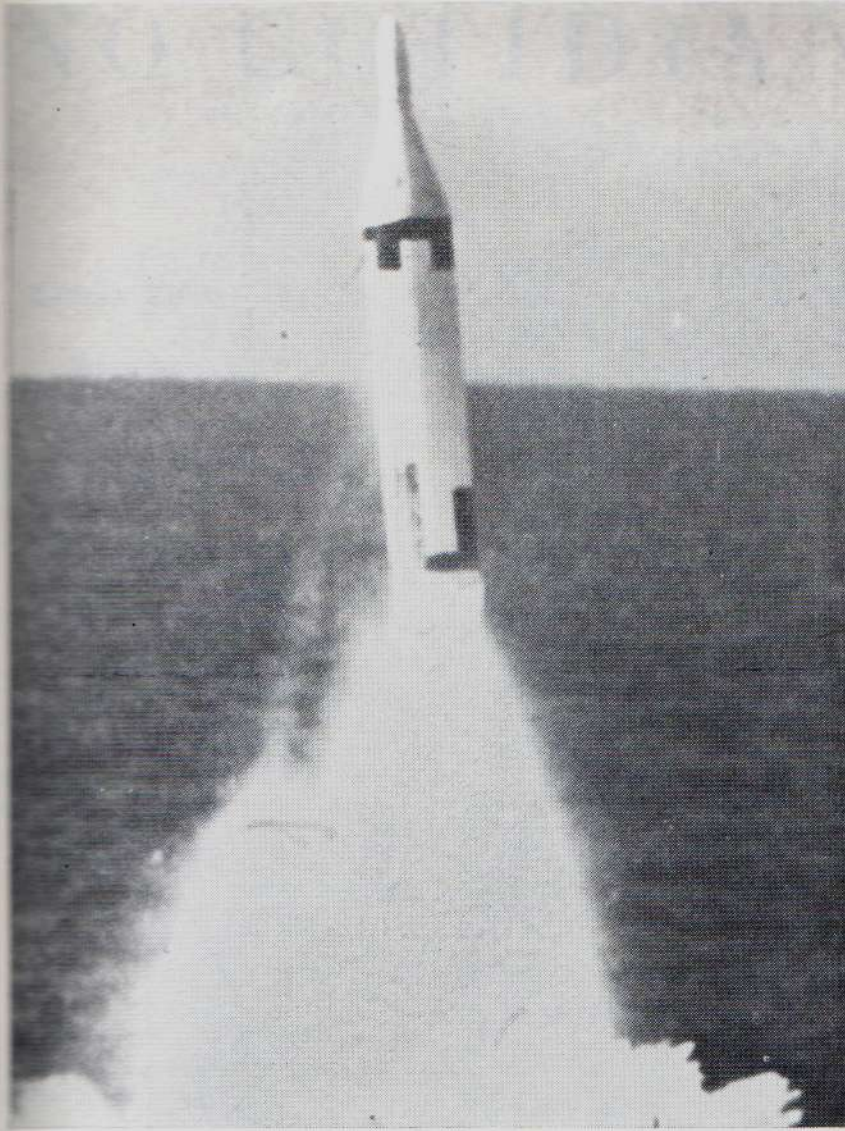


A ARMA SILENCIOSA: O SUBMARINO ATÔMICO

Díficeis de anular, pois sua posição muda constantemente, essa plataforma de mísseis balísticos intercontinentais constitui o mais importante elemento das esquadras das grandes potências. Os dois

primeiros, o Nautilus e o Seawolf, ambos americanos, foram incorporados em 1954 e 1957 respectivamente. Para a defesa contra outros submarinos, utilizam-se do SUBROC (submarino rocket).

Disparado como um torpedo, deixa a água, segue em trajetória balística, mergulha novamente, iniciando uma busca acústica semelhante à do ASROC.



Uma notável característica do mundo moderno é o grande crescimento do poderio naval defensivo conferido às menores potências, através de mísseis superfície-superfície tão compactos que podem ser montados em pequenos barcos, como as rápidas torpedeiras, mas que têm força de impacto e precisão iguais às das baterias de 16 polegadas dos encouraçados.

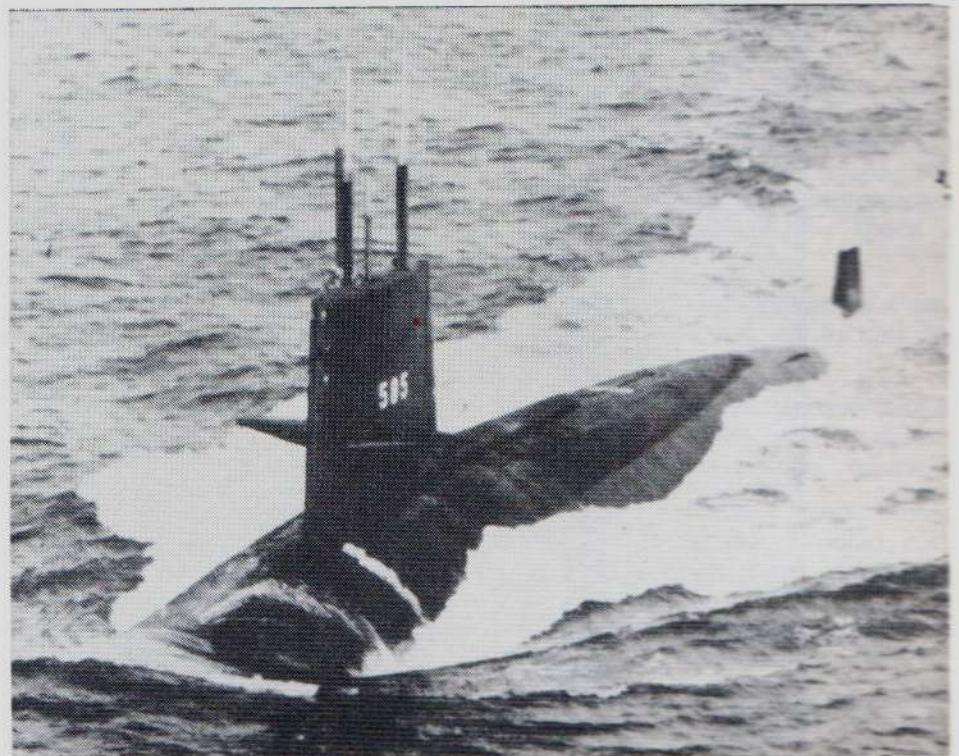
Assim, parece-nos que os futuros desenvolvimentos no campo estarão centralizados em dois aspectos: mísseis teleguiados e V/STOL (vertical or short take off and landing — decolagem vertical ou em pequena pista) caças tácticos, os quais poderão ser embarcados em pequenas unidades, dispensando os onerosos super porta-aviões.

Superior Polaris em lançamento

O primeiro submarino atômico a disparar um míssil Polaris abaixo da superfície do mar foi o George Washington, em julho de 1960.

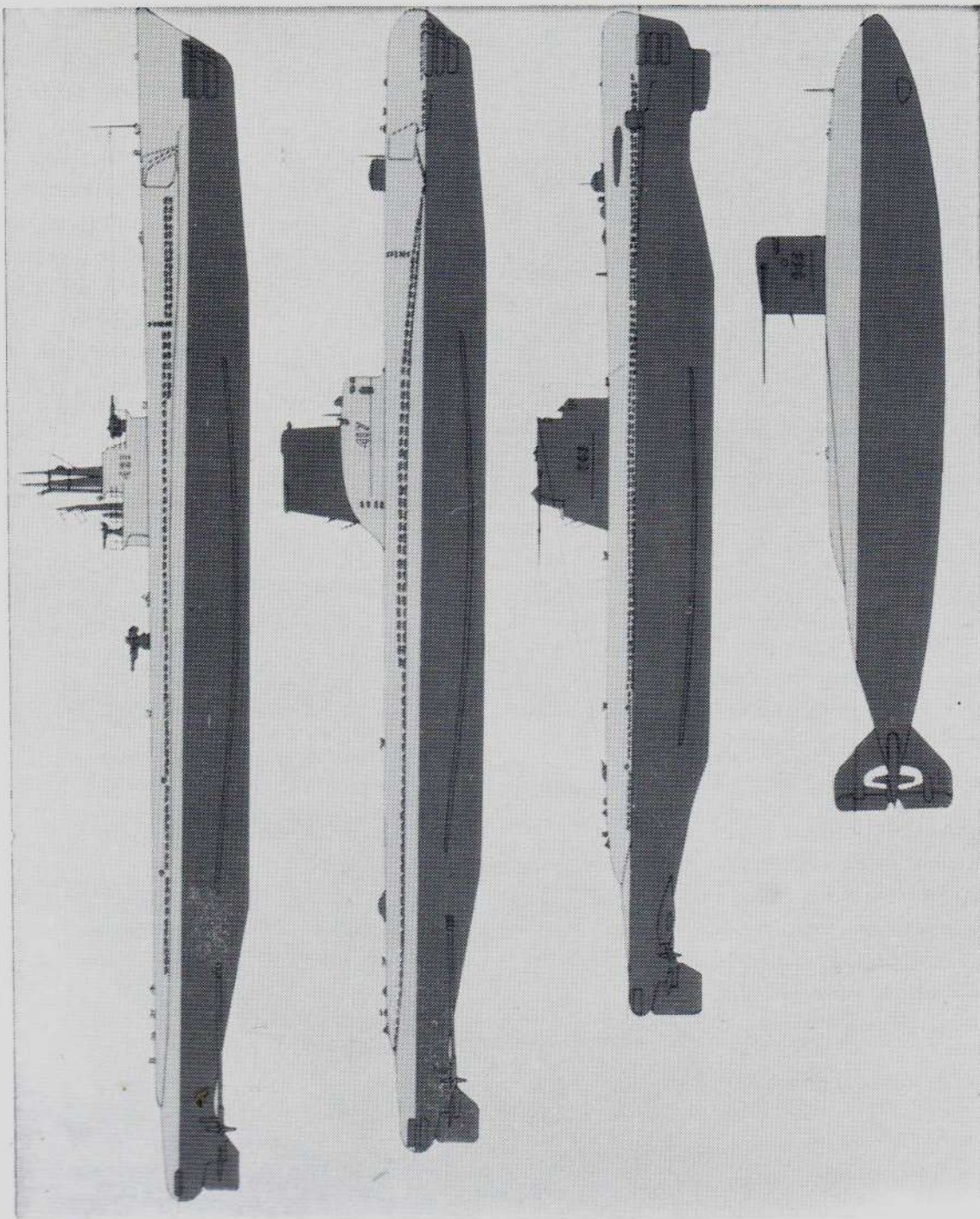
Atualmente, os Polaris vêm sendo substituídos pelos Poseidons de alcance superior a três mil milhas marítimas e que carregam uma "ogiva múltipla" capaz de atingir diversos objetivos com um único míssil.

Uma nova geração de submarinos atômicos da classe Trident estará em operação por volta do ano 1979.



U.S.S. Skipjack

Desenvolvimento dos submarinos
(não estão em escala)



(A) 1945

(B) «Guppy» Class

(C) Pós-Guerra

(D) Albacore (Atômico)

NO COTIDIANO DO CN

Al. José Carlos Fontes

NOSSA VIDA NO COLÉGIO

Chegavam ao Colégio Naval cerca de duzentos jovens esperançosos e entusiasmados. O tempo estava adorável: o sol não abafava, apesar das treze horas, e uma refrescante brisa consolava os mais calorentos.

A beleza do lugar enlevava os espíritos.

«O Cisne Branco» sensibilizava ainda mais os corações. Era uma segunda-feira, e sequer desconfiamos de que, a partir de terça, seríamos submetidos ao último teste para admissão: a tão famosa e respeitada «Semana de Adaptação».

INESQUECÍVEL ROTINA

O lufa-lufa, o corre-corre que se seguiu, foi para nós, acostumados às delícias da vida civil, algo inimaginável. A pressa, a correria, o suor não pareciam ter fim.

Foram apenas quatro dias, mas nunca pensamos que quatro dias pudessem ter mais de noventa e seis horas.



O Pátio interno do CN visto de cima

Alvorada às seis horas. Vestidos para ginástica, tomávamos um gole de café. Eramos depois apresentados à então nada simpática pessoa de Messias, o CB-EP, encarregado de nos introduzir no reconfortante mundo da Educação Física.

Terminada a «chacina», subíamos em calmo e acelerado passo aos vestiários, de onde nos dirigíamos ao banho, mudando de roupa, para depois descer rumo ao desjejum.

Saídos do refeitório, nossa inexperiência nos levava a sentar nos bancos do pátio interno para descansar e fumar um pouco. Fato que muito deleite ocasionava a nossos adaptadores —: todos à mão e juntos.

Aliás, mal chegávamos a sentar: recebimento de uniformes era a próxima faina.

Ordem Unida, arrumação de armários, recebimento de uniformes, corre-corre, suor, cansaço.

Três banhos diários foram assim incorporados à nossa rotina, nesta inesquecível semana.

OS ORIENTADORES

Finalmente chegou o dia 22/03.

A turma resistira bem às pressões, poucos foram reprovados.



Detalhe da palestra sobre a Central Nuclear de Angra dos Reis



A natação válida pela eficiência

dos neste teste; foi como um prêmio à sua perseverança e força de vontade, que a turma recebeu o tão esperado licenciamento

INÍCIO DA NORMALIDADE

Regressamos juntos com o restante do segundo ano, que se distinguiria pela capacidade de consolar, incentivar o pessoal de 74 no caminho do bom comportamento e da boa formação militar.

Com todos, chegava a rotina normal e seu maior abrandamento.

Foi com curiosidade por parte dos então calouros que o intenso programa colegial se iniciou.

A partir daí verificou-se que todas as novidades apresentadas ao Corpo de Alunos tornavam-se novos testes, novos exames averiguadores da nossa firmeza em continuar, atestadores de nossa vocação marinheira.

O aproveitamento colegial poder-nos-ia retirar do caminho da realização de nossos ideais. Era necessário estudar.

Às seis horas apreciávamos a beleza do toque de «Alvorada» e, vinte minutos após, já havíamos arrumado a cama, feito a barba, escovado os dentes, limpado vários distintivos e cintos, engraxado os sapatos, mudado de roupa e descido para entrar na esplêndida fila do rancho.

Às 7:00 hs. estávamos prontos para o início das aulas.

Às oito horas, bandeira, entre uma e outra aula.

Às 9:40 hs., iniciava-se a parada (formatura para verificação

de uniformes e leitura de ordens) após a qual havia intervalo para aqueles que não estavam em recuperação.

A partir das 10:50 hs., mais duas aulas que terminavam com o avançar para o rancho às 12:25 horas.

De 13:00 hs. às 13:55, o Corpo de Alunos, exceto os frequentadores de audiências (julgamento das partes de ocorrência dos alunos pelos Comandantes de Cias e pelo COMCA), encontrava-se em recreação, pois só às 14:00 hs. iniciavam-se as aulas de E.M.N.

Findo o Ensino Militar Naval, tínhamos de 14:45 até às 14:55 para mudar de roupa e formar para as aulas do oitavo tempo (de práticas físico-desportivas), que iam até às 16:00 hs., exceto para o pessoal de equipes e os «mazocas» profissionais.



O almoço dos 30 dias e a homenagem ao paraninfo da Turma, prof. Maurício José

Entrava então o Corpo de Alunos em recreação que se esgotava às 17:55, para que fosse tocado rancho disparar, digo, avançar às 18:00 hs. Às 19:10, era dada «Volta à Recreação», iniciada às 18:30 hs., para começar o Estudo Obrigatório, onde, querendo ou não, estudava-se até 21:30 hs., quando dávamos a última corrida ao rancho do dia, voltando depois para os vestiários, às 21:45 hs.

22:00 hs.: o toque mais querido pelo C.A.: Silêncio! Acabou mais um DHS!

Aos sábados e domingos, a rotina era outra: exceto para os felizardos possuidores de quatro ou mais médias do E.C. inferiores a quatro, dava-se, quinzenalmente, o maior acontecimento da rotina: os licenciamentos para cidades que não Angra dos Reis

OUTRA ROTINA

Nos fins-de-semanas em que não havia licença para o Rio ou S. Paulo, entrávamos em rotina de domingo.

Quanto às cerimônias, competições, bailes (tão numerosos), palestras, não falaremos visto estarem comentadas em outros artigos de «FRAGATA».

E assim, meio a rotinas interessantes, o tempo passava e chegou, sem que sentíssemos, a rotina de provas parciais.

de. São os que chegaram ao Segundo Ano, os melhores, e os que vão para a Escola Naval, são destes os mais selecionados.

A cada período que passa, constata-se a aplicação do princípio da permanência da qualidade em detrimento da quantidade. A turma escasseia, mas se aprimora.

Chegamos à rotina de provas parciais, quando podíamos levan-

tar às 7:00 hs.; as provas começavam às 8:15 hs., durando até às 9:15 hs., após o que havia parada escolar. O C.A. entrava em recreação até 12:00 hs., quando se ranchava e depois seguíamos, da rotina normal, apenas os horários de rancho e de Estudo Obrigatório, permanecendo, no restante, em recreação (Estudo Semi-Obrigatório).

Após as provas, um merecido descanso: Férias.

Constituiu-se deste modo o segundo semestre numa inequívoca demonstração de quanto já nos impregnávamos de militarismo, de satisfação no serviço da MB.

O tempo inexoravelmente corria e veio a nos trazer as segundas parciais: novo descanso, principalmente à elite passada por média.

O encerramento do ano letivo mostrou-se inesquecível.

ANO NOVO, VIDA NOVA

Nosso regresso das férias aconteceu no dia 26 de Fevereiro de 1975.

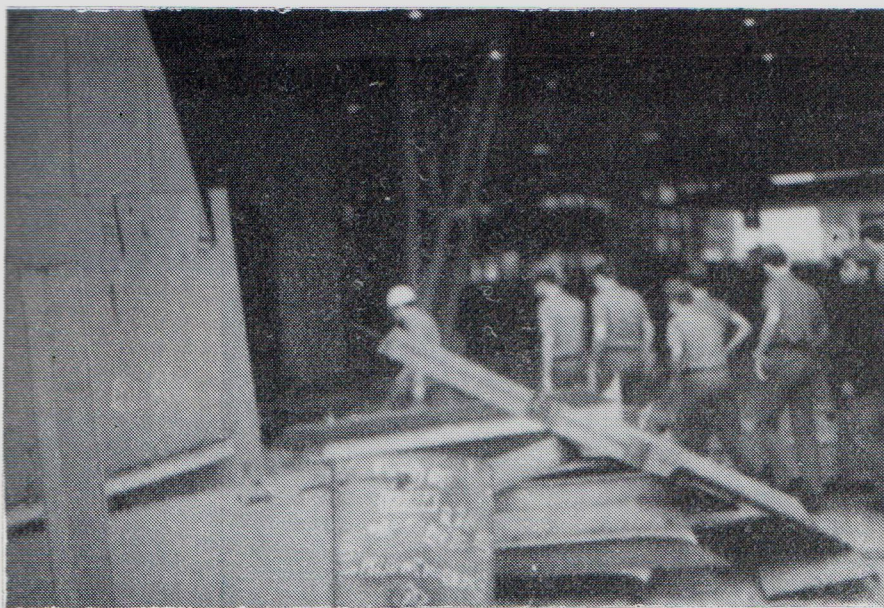
Não houve, pode-se dizer, problemas de trote, relacionados com os segundo-anistas de 1975: nunca uma turma de veteranos foi tão amiga de seus calouros, orientando-os, explicando-lhes os pequenos macetes de provas, conduta, etc...

Conhecedor dos segredos de estudo, o pessoal de 74 venceu com facilidade e até mesmo com muitas sobras o primeiro semestre do segundo ano, portador de um já admirável estado atlético, superior tranqüilamente aos mínimos de meio de ano; informado das dificuldades do EMN, saiu-se às mil maravilhas em seus embates.

Tornou-se assim muito fácil nossa convivência no C. N. Apenas um grande, mas suportável, problema se evidenciou: o contraste entre a extrema morosidade do tempo com a ânsia da maioria em sentir o espadim balançando na coxa.

Convém lembrar, entretanto, de algumas mudanças introduzidas no Colégio, todas visando ao nosso conforto e melhor desempenho, algumas agradando a todos.

Exemplificamos com o fim das sessões cinematográficas no



Os alunos em visita aos estaleiros da Verolme

A EXPECTATIVA DO 2º ANO

Durante o descanso das aulas, cumprimos excelente programa de visitas a Organizações de Marinha, situadas no Rio de Janeiro.

Foi assim que nos maravilhamos ao conhecer o primeiro Arsenal de Marinha da América Latina, vibramos de satisfação ao visitar o C.F.N. e nos entusiasmos em percorrer e examinar o Navio Aeródromo Minas-Gerais.

Regressando das férias, novas esperanças e desusado entusiasmo nos animaram: a cada dia que passava, mais e mais nos aproximávamos do segundo ano.

Nosso cotidiano no Colégio caracterizar-se-ia por maior dedi-

cação aos estudos, aos esportes e principalmente à militarização de nossas personalidades.

O interesse por nossa aprovação e antiguidade só se comparava ao interesse de alguns pela competição maior do Calendário Esportivo. Nunca os treinamentos das equipes foram tão intensos, nunca o empenho dos atletas foi tão marcante.

A conquista da NAE viria apenas fazer jus ao desvelo dos alunos de equipes.

A cada prova que passava, todavia, adquiríamos maior certeza quanto à seleção dos futuros Aspirantes, obtínhamos confirmação quanto àqueles que viriam a fazer parte da turma que nos sucederia.

meio da semana, mas também com a concessão de licenciamentos semanais aos que alcançassem média maior ou igual a quatro em todas as matérias do Ensino Colégial (antes, era necessário média seis).

Apontamos o fim da indesejada fila do rancho, que passou a se realizar por toque de reunir, e a introdução de novo sistema disciplinar, reunindo, numa só (como na Escola), as antigas punições com impedimentos e Serviço Extraordinário.

de e, ao sairmos de lá, parece nos ter entrado há poucos dias.

É certo também nos lembrarmos da quantidade de eventos ocorridos: numerosos e marcantes, seriam melhor desfrutados com mais calma.

AGRADECIMENTO

Passando por tão amadurecedoras e dignificantes lições, nossa turma não poderia deixar de se aprimorar e de aproximar-se, portanto, do idealizado oficial: responsável, dedicada ao serviço, es-

pos vagos e em estudos obrigatórios, freqüentemente sacrificando a agradável companhia da família, nos deram o pouco de militarismo que possuímos e muito da vontade de mais adquirir.

CONCLUSÃO

Este foi nosso dia-a-dia no Colégio por um dia de rotina pode-se, em linhas gerais, tomar os outros; um dia de prova parcial foi como os demais; uma rotina de domingo foi como as demais e até mesmo um dia no segundo



Detalhe da Missa Campal celebrada no aniversário do colégio

Há ainda a extinção de alguns mínimos de capacidade física, a criação de outros e a modificação dos restantes, procurando-se a adaptação aos padrões exigidos pela Escola e, finalmente, a abertura da Rio-Santos, que reduziu em pelo menos duas horas o tempo do trajeto Angra-Rio.

TEMPO CURTO

Não se poderia pensar jamais que, num espaço de tempo mínimo como dois anos, passasse alguém por tantas e tão distintas experiências. Com efeito, é curta esta duração: as coisas passam-se no Colégio com incrível velocidade,

estudiosa, esforçada nos mínimos, leal.

Para isso, foi primordial a contribuição dos Oficiais do Colégio, mais particularmente do Departamento de Alunos, com sua disposição em nos orientar, punindo quando necessário, incentivando sempre que possível, transmitindo-nos o caráter marinho e ministrando-nos as bases dos ensinamentos profissionais requeridos para o prosseguimento de nosso aprendizado.

Foram eles que, nas folgas do Ensino Militar Naval, nos tem-

po ano foi praticamente um dia no primeiro.

Napoleão disse que a repetição era a figura séria de retórica; o aluno do Colégio Naval diz que a repetição é o melhor meio de gravar nos espíritos todo um modo de vida.

Esta foi nossa vida no C.N.: uma vida de esforço e angústia constantes, uma vida de absoluta abnegação dos objetivos pessoais, em prol de uma excepcional formação do caráter e em benefício da excelente formação técnica essencial à carreira de Oficial de Marinha.

O Esporte do CN é o Melhor

A XI NAE COMPROVOU:



HAROLDO E ALCIONE

As competições esportivas no CN iniciaram-se com a disputa do campeonato de Novos, seguindo-se as diversas e tradicionais rivalidades entre as Cias no "Troféu Eficiência", entremeadas com as competições externas; culminando com a XI Nae onde conseguimos um BI-CAMPEONATO.

Esta reportagem engloba de um modo geral estas competições tentando mostrar ao leitor o que foi o esporte no CN no ano de 1975.

TROFÉU EFICIÊNCIA

Competições internas realizadas anualmente entre as companhias. Várias modalidades de esportes fundamentais para aprimorar o espírito de luta do aluno do CN.



ATLETISMO:

100 m rasos:

- 1º — Ferreira de Melo (2ª cia) 11,4"
- 2º — Delson (3ª cia) 11,5"
- 3º — Roberto Luis (4ª cia) 11,8"

400 m rasos:

- 1º — Paulo Guimarães (4ª cia) 55"
- 2º — Gonzaga (1ª cia) 55,5"
- 3º — Angra (4ª cia) 55,9"

800 m rasos:

- 1º — Paulo Guimarães (4ª cia) 2'12,7"
- 2º — Edson (1ª cia) 2'14,3"
- 3º — Arthur (4ª cia) 2'18,2"



Troféu Eficiência — Salto em distância

Salto em Altura:

- 1º — Érico José (4ª cia) 1,60 m
- 2º — Souza Neto (2ª cia) 1,60 m
- 3º — Tertius (1ª cia) 1,60 m

Salto em Distância:

- 1º — Haroldo (1ª cia) 5,42 m
- 2º — Kurobe (3ª cia) 5,31 m
- 3º — Wilson (1ª cia) 5,20 m

Arremesso de dardo:

- 1º — Haroldo (1ª cia) 37,96 m
- 2º — Frandji (4ª cia) 37,92 m
- 3º — Villas Boas (2ª cia) 37,81 m

Arremesso de disco:

- 1º — Elmiro (2ª cia) 30,89 m
- 2º — Mendes (1ª cia) 30,31 m
- 3º — Pereira (3ª cia) 27,46 m

Revezamento: 4 x 100 m

- 1º — 4ª cia (Érico José, R. Luis, P. Guimarães, Angra)
- 2º — 2ª cia (F. de Melo, Figueiredo, Alcione, Elmiro)

Arremesso de peso:

- 1º — Paula Pinto (3ª cia) 13,89 m
- 2º — Mendes (1ª cia) 13,40 m
- 3º — Pereira (3ª cia) 13,11 m

NATAÇÃO:

100 m de peito:

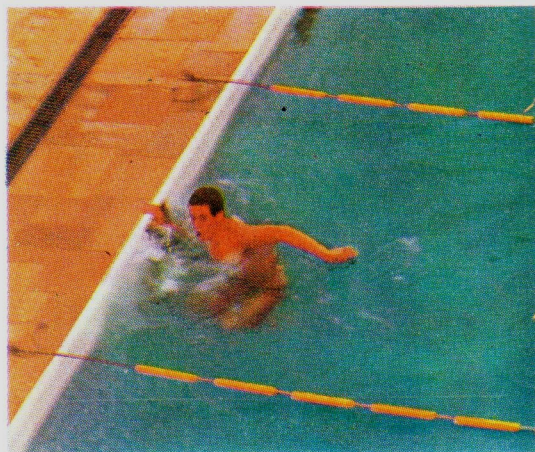
- 1º — Gustavo (3ª cia) 1'27,3"
- 2º — Canellas (4ª cia) 1'27,4"
- 3º — Pires (2ª cia) 1'28"

200 m Medley:

- 1º — Afrânio (4ª cia) 2'43"
- 2º — Niobey (2ª cia) 2'52"
- 3º — A. Pedro (3ª cia) 2'59,8"

100 m borboleta:

- 1º — Afrânio (4ª cia) 1'17"
- 2º — Niobey (2ª cia) 1'18,6"
- 3º — S. Neto (2ª cia) 1'27"



Afrânio: O ídolo da natação do CN

100 m de costas:

- 1º — Afrânio (4ª cia) 1'20,1"
- 2º — Bitton (1ª cia) 1'26"
- 3º — Gustavo (3ª cia) 1'26,4"

4 x 100 m livre:

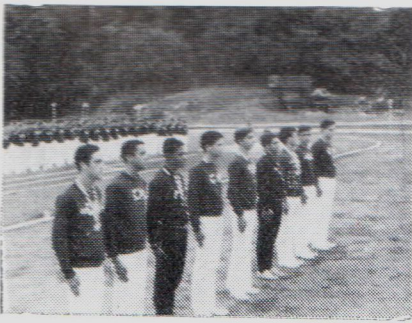
- 1º — 2ª cia (Pires, S. Neto, Moraes, Niobey)

100 m livre:

- 1º — Afrânio (4ª cia) 1'4"
- 2º — Moraes (2ª cia) 1'5,5"
- 3º — Souza Neto (2ª cia) 1'6,5"



Salto em distância



Os recordistas de 75 — Do esquerda para a direita: Delson, Arthur, Paulo Guimarães, Angra, Tertius, Souza Neto, Afrânio, Moraes e Gustavo

4 x 100 m 4 estilos:

2ª cia com os alunos (Pires, Souza Neto, Moraes, Niobey)

BASQUETEBOLO:

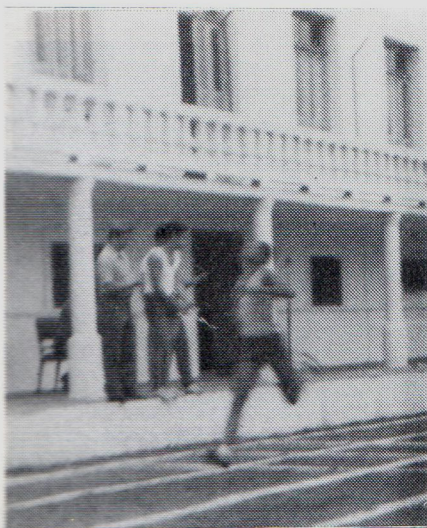
Sagrou-se campeã a 1ª cia com os seguintes atletas: Haroldo, Caetano, Paulo Roberto, Tabet, Luis Cláudio, Marques, Torres, Bomfim, Carlos Augusto, Kimio.

VOLIBOL:

A campeã foi a 2ª cia com os seguintes atletas: Jader, Proença, Souza Neto, Saraiva, Alexandre, Grimoni, Villas Boas, Girão, Pereira Lopes, Manoel, Carlos Henrique e Alcione.

FUTEBOL:

Sagrou-se campeã a equipe da 3ª cia com os seguintes atletas: Cecato, Massaput, Emanuel, Barreto, Garavito, Pereira, Silva Jr., Aguierras, Justino, Alípio e Jair.



(Troféu Eficiência)
400 metros rasos

JUDÔ:

Campeã a 4ª cia somando um total de 55 pontos contra 29 da segunda colocada (1ª cia).

Resultados:

Peso Pena — Mascarenhas (1ª cia)
Peso Leve — Bueno (2ª cia)
Peso Médio — Octaviano (3ª cia)
CAMPEÃO ABSOLUTO: aluno Marinho (4ª cia)

Competição de escaler:

Venceu a terceira companhia com os seguintes atletas: Soares, Meire, Cunha, Antunes, Nilo, Parente, Santos, Paulo Marques, Marco Antonio.

Competição de Canadense:

- Canadense leve: campeã a terceira companhia com os alunos Cunha e Parente.
- Canadense Pesada: campeã a quarta companhia com os alunos Marinho e Carrera.

Cabo de Guerra:

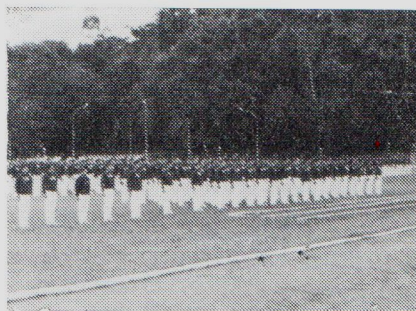
Vencedora a terceira companhia com os alunos: Emanuel, Pereira, Palhas, Meire, Parente, Silva Jr., Assis Correa, Santos.

Rústica Natatória:

Classificação geral: 2ª cia, 4ª cia, 1ª cia, 3ª cia. Atletas: Afrânio, Niobey, Accioly, Ary e Santos Moreira.

Rústica Terrestre:

Classificação geral: 4ª cia, 1ª cia, 3ª cia, 2ª cia. Atletas: Arthur, Assis Correa, Costa, Eliezer, Figueiredo.



Formatura de Encerramento do Troféu Eficiência



Arremesso de peso



Arremesso de dardo

Campeonato de Novos:

Organizado no começo do ano entre as equipes dos novos alunos, a classificação foi a seguinte: 3ª cia, 4ª cia, 2ª cia e 1ª cia.



O atleta do ano, aluno Afrânio encerra as competições internas com o apagar da Tocha Olímpica

RESULTADO FINAL DO TROFÉU EFICIÊNCIA

1º lugar — 2ª companhia com 46 pontos
2º lugar — 4ª companhia com 44 pontos
3º lugar — 1ª companhia com 40 pontos
4º lugar — 3ª companhia com 38 pontos.

COLÉGIO NAVAL x CSN

Competições que se realizaram em Angra dos Reis e em Volta Redonda respectivamente em maio e em junho. Enfrentando adversários superiores, os atletas do CN demonstraram o excelente preparo com os seguintes resultados:



400 metros rasos

ATLETISMO: Vencemos valorosamente com as marcas:

100 m rasos:

- 1º lugar — Al. Delson 11,4 seg.
3º lugar — Al. Ferreira 11,7 seg.

300 m rasos:

- 1º lugar — CSN 9'58"
3º lugar — Al. Arthur 10'4,8"

400 m rasos:

- 1º lugar — Al. Guimarães 54,2 seg.
2º lugar — Al. Angra 55,4 seg.
3º lugar — CSN 56,2 seg.

800 m rasos:

- 1º lugar — Al. Guimarães 2'13,8"
2º lugar — Al. Edson 2'17,4"

Arremesso de Peso:

- 1º lugar CNS 16,58 m
2º lugar CSN 13,41 m
3º lugar CSN 12,93 m

Arremesso de Disco:

- 1º lugar CSN 33,59 m
2º lugar Al. Elmiro 31,58 m
3º lugar CSN 30,81 m

Salto em Altura:

- 1º lugar CSN 1,65 m
2º lugar Al. Haroldo 1,65 m
3º lugar Al. Tertius 1,62 m

Salto em Distância:

- 1º lugar CSN 6,30 m
2º lugar CSN 6,19 m
3º lugar CSN 5,76 m

NATAÇÃO: ganhamos facilmente

200 m Medley:

- 1º lugar Afrânio 2'41"
2º lugar Bitton 2'51,2"
3º lugar CSN 2'58,6"

100 m peito:

- 1º lugar CSN 1'26,4"
2º lugar Al. Pires 1'27,5"
3º lugar Al. Gustavo 1'28,8"

4 x 100 livre:

- 1º lugar: Moraes, Antonio Pedro, Souza Neto e Afrânio.

100 m Borboleta:

- 1º lugar Al. Afrânio 1'15,9"
2º lugar Al. Niobey 1'22,6"

100 m costa:

- 1º lugar Al. Bitton 1'17,5"
2º lugar CSN 1'17,6"
3º lugar CSN 1'23,6"

100 m livre:

- 1º lugar Al. Afrânio 1'2,3"
2º lugar CSN 1'5,3"
3º lugar CSN 1'6,5"

4 x 100 4 estilos:

- 1º lugar — Bitton, Pires, Afrânio 5'6"
2º lugar — CSN 5'47"

BASQUETE: Ainda em início de treinamento, não agüentou o ritmo da equipe adversária e fomos derrotados; CSN 50 x 26 CN.

VOLEIBOL: Em 1h50min — duração da partida — ganhamos o CSN por 3x2.

FUTEBOL: Empate com o gol marcado de pênalti pelo Al. Ceresney.

COMPETIÇÃO NO «RECREIO DOS TRABALHADORES»
(Volta Redonda)

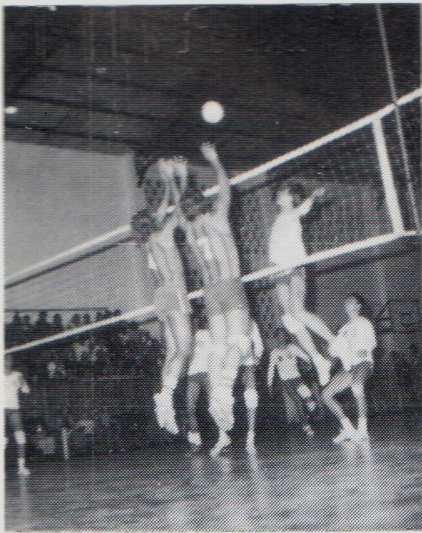
ATLETISMO: vitória do CN

100 m rasos

- | | |
|----------------------|-------|
| 1º Delson | 11,1" |
| 2º Ferreira de Mello | 11,2" |
| 3º CSN | 11,3" |



Aluno Elmiro e o arremesso do disco



Vôlei

400 m rasos:

1º Guimarães	53,2"
2º Angra	54,2"
3º Gonzaga	55,1"

.800 m rasos:

1º P. Guimarães	2'10,6"
2º CSN	2'13"
3º CSN	2'14"

300 m rasos:

1º CSN	9,56"
2º CSN	10,01"
3º Arthur	10,02"

4 x 100 revezamento:

1º Angra, Ferreira de Mello, Paulo Guimarães e Delson	46,5"
2º CSN	48"

Disco:

1º Elmiro	33,76 m
2º CSN	32,20 m
3º Mendes	27,82 m

Arremesso de Peso:

1º Pereira	10,43 m
2º Mendes	10,08 m
3º CSN	9,73 m

Salto em Altura

1º Haroldo	1,65 m
2º CSN	1,65 m
3º Tertius	1,60 m

Dardo

1º CSN	47,09 m
2º Frandji	36,10 m
3º Pereira	36,05 m

Salto em Distância

1º CSN	6,00 m
2º CSN	5,88 m
3º CSN	5,74 m

NATAÇÃO: Como em Angra, uma vitória fácil.

200 m Medley

1º Afrânio	2'59,6"
2º Accioly	3'13,5"
3º CSN	3'18,3"



Basquete

100 m peito

1º Pires	1'31"
2º CSN	1'33,8"
3º Gustavo	1'34"

100 m Costa

1º CSN	1'18,1"
2º Bitton	1'26,1"
3º CSN	1'26,1"

100 m Livre

1º Afrânio	1'5,6"
2º CSN	1'7,2"
3º Moraes	1'7,6"

4 x 100 m Livre

1º Moraes, Antonio Pedro, Souza Neto e Afrânio	4'31,2"
2º CSN	4'39"

4 x 100 m Quatro Estilos

1º Bitton, Pires, Afrânio e Souza Neto	5'16,3"
2º CSN	5'21"

100 m Borboleta

1º Afrânio	1'12,4"
2º Niobey	1'16,7"
3º CSN	1'29,8"

BASQUETE: CSN 52 x 37 CN

O placar não demonstra o esforço empregado pela nossa equipe durante o jogo.

Equipe do CN: Bravo, Paulo Roberto, Caetano, Gondim, Panaim, Assis Correa, Girão, Túlio, Luís Cláudio, Palhas, Petti e Fábio.

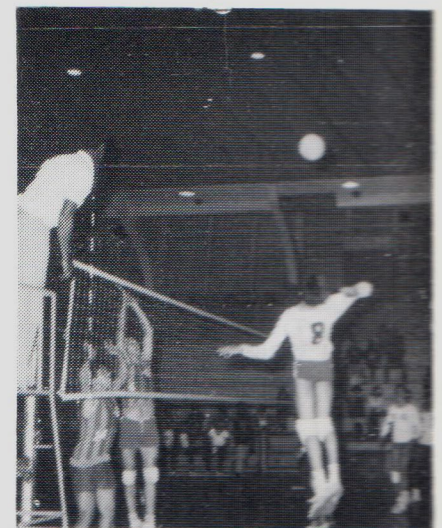
VOLIBOL: CSN 3x1 CN

O nível técnico superior do adversário não nos inibiu de mostrar a excelente performance de nossa equipe.

CN: Saraiva, Nelson, Proença, Ernesto, Ferreira, Igor, Alexandre, Jader, Wangler, José Luís, Iglézias e Genildo.

FUTEBOL: CSN 1x0 CN

CN: Saraiva, Nelson, Proença, Ernesto, Ferreira, Igor, Alexandre, Jader, Wangler, José Luís, Ceresney, Cirne, Assis, Êrico, José e Walter.



Na foto — O aluno Nelson se prepara para mais uma fulminante cortada

COLÉGIO NAVAL x CMRJ

O CN não se saiu muito bem, mas apesar disto disputou com muita raça nas modalidades que se seguem:

ATLETISMO: CMRJ 97 x 86 CN
(contagem de pontos)

100 m rasos

1º lugar CMRJ	11,1"
2º lugar Gonzaga	11,7"
3º lugar Ferreira	11,7"

400 m rasos

1º lugar CMRJ	51,3"
2º lugar Paulo Guimarães	53"
3º lugar CMRJ	54"

800 m rasos

1º lugar CMRJ	2'5,8"
2º lugar P. Guimarães	2'6,3"
3º lugar CMRJ	2'7,1"

3 000 m rasos

1º lugar CMRJ	9'37,3"
2º lugar CMRJ	9'38,1"
3º lugar Artur	10'3,1"

Salto em Distância

1º lugar CMRJ	5,66m
2º lugar Alcione	5,63m (avulso)
3º lugar CMRJ	5,41m

Arremesso de Peso

1º lugar Pereira	13,21 m
2º lugar Mendes	12,92 m
3º lugar CMRJ	12,55 m

Arremeso de Dardo

1º lugar CMRJ	41,76 m
2º lugar Frandji	38,3 m
3º lugar CMRJ	37,5 m

Arremesso de Disco

1º lugar Elmiro	31,85 m
2º lugar CMRJ	30,06 m
3º lugar Mendes	27,81 m

Salto em Altura

1º lugar Haroldo	1,65m
2º lugar CMRJ	1,65m
3º lugar Alcione	1,60m (avulso)
Tertius	1,60m

4x100 m Revezamento

1º CMRJ	45,1"
2º Elmiro, Gonzaga, Angra e Paulo Guimarães.	

NATAÇÃO:

200 m Mendley

1º lugar Afrânio	2'39,7"
2º lugar CMRJ	2'40"
3º lugar CMRJ	2'45"

100 m Peito

1º lugar CMRJ	1'28"
2º lugar Pires	1'29,2"
3º lugar Costa	1'30"

4x100 m livre

1º lugar CMRJ	4'17"
2º Moraes, Souza Neto, Afrânio, Antonio Pedro	4'30"

100 m Borboleta

1º lugar CMRJ	1'4,9"
2º lugar CMRJ	1'10,4"
3º lugar Afrânio	1'12,6"

100 m Costas

1º lugar CMRJ	1'16"
2º lugar CMRJ	1'17,1"
3º lugar Souza Neto	1' 5,2"

4x100 Quatro Estilos

1º lugar CMRJ	5'2"
2º lugar Bitton, Pires, Afrânio e Souza Neto	5'14,3"

BASQUETE: CMRJ 46 x 35 CN

Partida bem disputada. Destaque aos alunos Bravo e Paulo Roberto.

VOLIBOL:

Vitória merecida e justificada pela categoria dos jogadores do CMRJ. Apesar do placar 3x0, houve luta. Destaque aos alunos Nelson, Proença e Alexandre. Mostramos um bonito jogo com bons jogadores.

FUTEBOL:

Este sim, merece uma especial atenção. Uma vitória dura, árdua, mas bastante merecida. Em dia chuvoso, o campo alagado, mostramos nosso jogo até de baixo d'água, com jogadores sensacionais e boa defesa. Vitória por 2x0, gols de Ceresney e Walter.

COLÉGIO NAVAL x ESCOLA NAVAL

Anualmente esta competição é realizada para o melhor relacionamento entre o aluno do CN e o aspirante. Apesar da técnica da EN ser superior a nossa, mostramos um nível bastante satisfatório em diversas competições.

ATLETISMO:

100 m rasos

1º EN	11"
2º Delson	11,2"
3º Ferreira	11,4"

400 m rasos

1º EN	50"
2º P. Guimarães	52,8"
3º Angra	54,4"

800 m rasos

1º P. Guimarães	2'9,2"
2º CN	2'10"
3º Edson	2'12"

3 000 m rasos

1º Artur	10'4"
2º EN	10'27"
3º Martins	10'32"

4x100 revezamento

1º Angra, Ferreira de Mello, P. Guimarães, Delson	45,3"
2º CN	47,2"

Dardo

1º EN	48,72m
2º EN	46,19m
3º EN	40,31m

Arremesso de Peso

1º EN	16,31m
2º EN	16,19m
3º EN	14,20m

Arremesso de Disco

1º EN	39,94m
2º EN	33,45m
3º Elmiro	32,40m

100 m Borboleta

1º Afrânio	1'9"
2º Niobey	1'11"
3º EN	1'14,2"

100 m Costas

1º Afrânio	1'16,4"
2º EN	1'18"
3º EN	1'19,8"

JUDÔ:

Por equipe, perdemos para a EN com: Marinho, Mascarenhas, Cruz, Bueno, Sérgio Andrade.

Individual:

LEVES

1º EN
2º Da Mota
3º EN

PENA

1º EN
2º Mascarenhas
3º Marinho

MÉDIO

1º EN
2º EN
3º Otaviano

BASQUETEBOL: EN 39x24 CN

Tendo como capitão o aluno Bravo, o Colégio desempenhou-se satisfatoriamente. Elogios aos alunos Bravo, Paulo Roberto e Caetano.

VOLIBOL:

O jogo teve duração de duas horas de brilhante disputa das duas equipes, com cortadas espetaculares do aluno Nelson, capitão da nossa equipe. EN 3x1 CN.

FUTEBOL: EN 2x0 CN

Nosso time se esforçou bastante, porém o placar foi justo. Destaque: Figueiredo, Silva Júnior.



Regata da festa junina para Guanabaras e Soniper. Na foto, o Barracuda se alinha para a largada

HANDBALL: EN 24x6CN

Pela primeria vez foi formada uma equipe para jogar oficialmente. O placar justifica-se pela falta de treino (nenhum) do pessoal da equipe.

Destques: Haroldo, Jader, Antunes e Carbonar.

FUTEBOL DE SALÃO:

CN 3 x 2 EN

Como o handball, a equipe de futebol de salão foi formada às pressas para competir. Surpreendentemente, demonstrando muita raça, derrotamos a EN.

Destques: Tadeu, Ubiratan, Jair e Garavito.

TIRO:

Resultados por equipes:

EN	1 237 pts.
CN	1 158 pts.

Destques Aristóteles e Cunha.

VELA: «Snipe»

1º lugar	Kelly	EN
2º lugar	Monalisa (Paula Pinto e Junqueira)	
3º lugar	Françoise	EN

«Guanabara»

1º lugar	Mergulhão (Ivan, Proença e Bastos Gonçalves)
	(Norton e Mário Costa)
2º lugar	Albacora



Arremesso de disco

Salto em Altura

1º EN	1,75m
2º EN	1,70m
3º Tertius	1,70m

Salto em Distância

1º EN	6,41m
2º EN	6,27m
3º Alcione	5,56m

NATAÇÃO:

200 m Medley

1º Afrânio	2'39,2"
2º EN	2'45"
3º Niobey	2'46"

100 m Livre

1º Afrânio	1'2,9"
2º EN	1'3,1"
3º Souza Neto	1'3,2"

100 m Peito

1º EN	1'17"
2º EN	1'20,7"
3º Gustavo	1'26"

XI NAE

Realizada na cidade de Campinas (SP), foi a XI NAE mais que uma simples competição; foi um conagraçamento entre os alunos das três escolas militares presentes, ou seja: Escola Preparatória de Cadetes do Ar, Escola Preparatória de Cadetes do Exército e Colégio Naval. Sua importância é tal que as demais competições esportivas realizadas durante todo o ano, não passam de simples «treinos» para essa tão esperada disputa. Além dos eventos esportivos, este ano tivemos vários acontecimentos como exposições de artes plásticas (destaque para o aluno Casemiro do CN), exhibições teatrais, demonstrações de karatê e capoeira, ginástica olímpica, e até mesmo um festival de música promovido pela anfitriã (ESPCEX). Segue-se um placar esportivo das diversas modalidades onde comprovamos realmente a sensacional conquista do BI-CAMPEONATO pelo Colégio Naval.

Competição de Atletismo:

Desta feita foram batidos dois recordes do CN e outro foi igualado.

Salto em Altura — aluno Tertius (1,80 m)

4 x 100 revezamento — Equipe do CN (43,9'')

400 m — Al. Guimarães (52'' — igualado)

a) 100 metros rasos:

1º Delson (CN) 10,5''
2º Ritival (Epcar) 11''

b) 400 metros rasos:

1º Augusto (Epcar) 51,5''
2º Paulo Guimarães (CN) 52''

c) 800 metros rasos:

1º Bernardini (Epcar) 2'1,4''
2º Silveira (Epcar) 2'5,9''

d) 3 000 metros rasos:

1º Bueno (Epcar) 9'37''
2º Arthur (CN) 9'55,5''

e) Revezamento 4x100 metros rasos:

1º Especex (Barros, Campos, Beneti, Aguiar) 43,6''

f) Salto em Altura:

1º Campos (Especex) 1,90,5m
2º Tertius (CN) 1,80m

g) Salto em Distância:

1º Campos (Especex) 6,38m
2º Haroldo (CN) 6,29m

h) Arremesso de Peso:

1º José (Especex) 13,98m
2º Pereira (CN) 13,63m

i) Arremesso de Dardo:

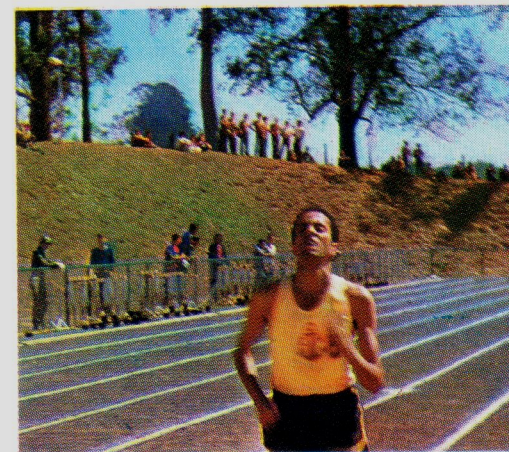
1º José Albino (Especex) 44,70m
2º Villas Boas (CN) 42,48m

j) Arremesso do Disco:

1º José (Especex) 35,18m
2º Juarez (Epcar) 33,76m

Competição de Natação:

Destaque para o aluno Afrânio do Colégio Naval, conquistando



Aluno Arthur e os 800 metros rasos

do seis medalhas de ouro e quebrando dois recordes da NAE, uma belíssima competição!

a) 200 metros Medley:

1º Afrânio (CN) 2'40,2''
2º Niobey (CN) 2'49,5''

b) 100 metros de Peito:

1º Linhares (Epcar) 1'25,2''
2º Girardi (Especex) 1'26,2''

c) Revezamento 4x100 metros livre:

1º Colégio Naval (Moraes, Niobey, S. Neto e Afrânio) recorde 4'15,8''



As equipes de judô da XI NAE

d) 100 metros Borboleta:

1º Afrânio (CN)	1'9,8"
2º Ibsen (Epcar)	1'19"

e) 100 metros de Costas:

1º Afrânio (CN)	1'16"
2º Ibsen (Epcar)	1'19"

f) 100 metros Livre:

1º Afrânio (CN)	1,4"
2º Moraes (CN)	1'5,2"

g) Revezamento 4x100
(4 estilos):

1º Colégio Naval (Afrânio, Gustavo, Nobey, S. Neto) com o tempo de 5'1,2" (recorde).

Competição de Basquetebol:

Consagramo-nos vice-campeões com a vitória sobre a Especex (48x41) e a derrota frente a equipe campeã da Epcar

a Especex por 3 x 1 e a Epcar por 3 x 0. Destacamos, lá no alto da rede com suas poderosas cortadas, o Al. Nelson (CN).

Equipe campeã: Nelson, Proença, Alexandre, Ernesto, Igor, Saraiva, Ferreira, Jader, José Luis, Wangler, Iglésias, Genildo.

FUTEBOL:

Fizemos dois jogos bem disputados, com o primeiro nos dando o empate 1 x 1 contra a Epcar (gol de Al. Ceresnei). No segundo jogo, em um mau dia, perdemos de 5 x 1 para a Especex, sendo o nosso único gol feito pelo aluno Érico José.

JUDÔ:

Mostramos que até no TATAME os nossos atletas se sobressaem. Dando provas de força e



Aluno Pereira — um monstro no peso

(51 x 41). A equipe nos mostrou garra e raça, características inegáveis aos atletas do Colégio Naval. Destaque para o Al. Bravo, cestinha da partida.

VOLIBOL:

Para variar, o vôlei do CN venceu outra vez! Tornamo-nos tricampeões da NAE. Vencemos

técnica, conquistamos o segundo lugar na competição por equipes.

Na competição individual a colocação foi a seguinte:

Categorias:

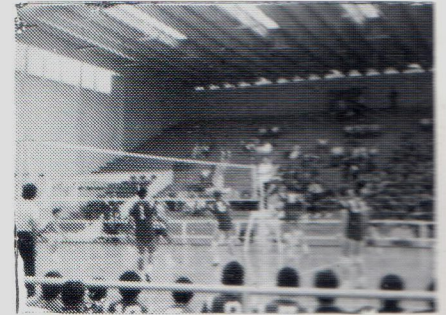
Pena — Marinho (CN) — Bi-campeão.

Leve — Bueno (CN)

Médio — Waldemar (Epcar)

Tiro:

Nesta competição nós somos obrigados a deixar a modéstia de lado e declarar que nossos atletas venceram sensacionalmente e mostramos nossa precisão e técnica.



Competição do vôlei entre o Colégio Naval e a Epcar

No tiro individual, destacou-se o aluno Aristóteles com 272 pontos (destaque especial). O aluno Cunha do CN conquistou o quarto lugar com 264 pontos enquanto que o aluno Guanabara conquistava o sétimo lugar com 260 pontos.

Competição por equipes:

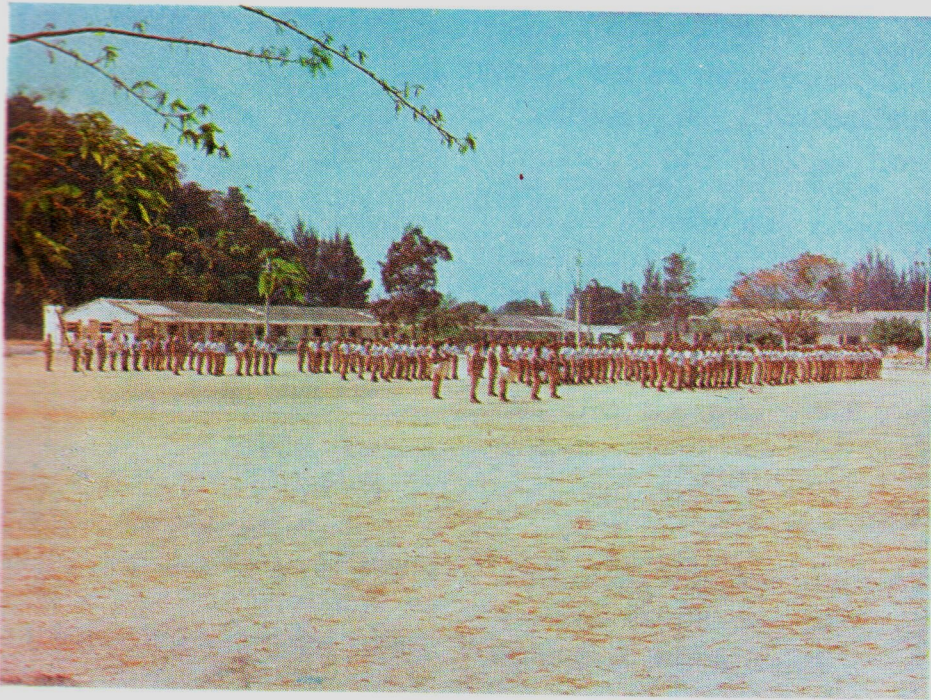
Em primeiro lugar a equipe do CN assim formada:

Alunos Cunha, Aristóteles e Guanabara.



O CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

Als. Jansen, Paulo César, Molina



Aspecto de uma formatura de fuzileiros (CFN — Ilha do Governador)

O Corpo de Fuzileiros Navais, parte integrante da Marinha de Guerra do Brasil, é o organismo de Comando e apoio para ações e operações terrestres de caráter naval com a finalidade principal de desenvolver a doutrina, a tática, a técnica e os meios empregados por forças de desembarque em operações anfíbias.

Os Fuzileiros Navais brasileiros originam-se dos integrantes da Brigada Real da Marinha, criada em Lisboa, em 28 de agosto de 1797, com efetivos de 5213 homens distribuídos em três divisões. A primeira Divisão, de Artilheiros-Marinheiros tinha como missão guarnecer a artilharia de bordo, os paióis de pólvora e os portos. A Segunda, de Fuzileiros-Marinheiros, dividida em doze Companhias, competia efetuar desembarques e abordagens e defender o Arsenal de Marinha. A Terceira Divisão, integradas por companhias de artífices e lastradores-marinheiros, cumpria sua missão de poio, a bordo dos navios e nos arsenais.

O primeiro Comadante da Brigada foi o Inspetor Geral D. Domingos Xavier de Lima.

Em 7 de março de 1808 chegava ao Rio de Janeiro a Família Real Portuguesa. Com ela, forte contingente da Brigada Real da Marinha, especialmente escolhido para escolta de tal importância.

Poucos meses após a chegada, já a Brigada Real entrava em ação através de guarnições embarcadas nos briques "Voador" e "Infante D. Pedro" na campanha da Guiana Francesa. As guarnições, num total de 600 homens, eram comandadas pelo Tenente Luiz da Cunha Moreira, oficial brasileiro que viria a ser o primeiro Ministro da Marinha do Brasil Independente. Estes os homens que a 15 de dezembro conquistaram o Forte Apromaque, ação decisiva para o sucesso da campanha.

Em 1809 o Conde de Anadia, então Ministro da Marinha, determinava que a Brigada Real ocupasse a Fortaleza de S. José na Ilha das Cobras. E até hoje os Fuzileiros Navais têm nesse

lugar seu Quartel-General — presença de 166 anos.

No transcurso de mais de um século e meio, muitas foram as transformações que ocorreram na estrutura e nas missões dessa força. Presentes a todos os importantes momentos de nossa história, sob diferentes denominações mas trazendo sempre a tradição de combate herdado dos soldados-marinheiros da Brigada Real de Marinha, os Fuzileiros Navais participaram ativamente da evolução histórica do Brasil, contribuindo, com sua legendária valentia, para a Independência e para a, posterior consolidação das fronteiras do país.

A tradição é uma constante na vida dos Fuzileiros Navais; No estandarte, no distintivo, no uniforme, ela se manifesta trazendo consigo um passado de glórias.

A Túnica do uniforme, originariamente azul, passou a vermelha, simbolizando o sangue que a manchara nos campos de Batalha e o distintivo-âncora sobreposta a dois fuzis cruzados caracteriza bem a natureza híbrida, forjada pela bravura dos antigos soldados-marinheiros.

A sua principal missão é: prover Forças combatentes para emprego em Operações Anfíbias em defesa imediata de Bases e Instalações Navais e na execução de limitadas operações terrestres necessárias à realizações de uma campanha naval como também prover Forças e Destacamentos para segurança, guarda e proteção de órgãos e instalações navais bem como Destacamentos para integrarem guarnições e estabelecimentos da marinha.

Subordinados ao Comandante Geral do CFN estão a Força de Fuzileiros da Esquadra (que subdivide-se em Divisão Anfíbia e Comando de Reforço) o Comando de Apoio e as Forças de segurança. A este mesmo comandante estão diretamente ligados o Estado-Maior do CFN e o Batalhão de Comando do Comando Geral.

A FORÇA DE FUZILEIROS DA ESQUADRA

A Força de Fuzileiros da Esquadra destaca-se como o principal elemento de que dispõe o Corpo de Fuzileiros Navais para cumprimento das missões que lhe são destinadas. Composta pela Divisão Anfíbia e pelo Comando de Reforço tem como Comandante o próprio Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros

A Divisão Anfíbia, comandada por Contra-Almirante Fuzileiro Naval, é constituída exclusivamente por unidades leves, o que lhe proporciona a mobilidade indispensável para o cumprimento das missões que lhe são confiadas. Estruturada em condições de ser totalmente aerotransportada, tem capacidade de des-

sembarque. Suas atividades vão desde o reconhecimento anfíbio à manutenção de viaturas e ao abastecimento, passando por engenharia de combate, comunicações, transportes, serviços e operações especiais. Pára-que-distas, mergulhadores, alpinistas, combatentes de selva são alguns dos integrantes dessa tropa de especialistas que opera através de destacamentos em reforço e apoio, integrados aos Grupamentos de Desembarque. O Batalhão de Comando, onde se destacam a Companhia de Reconhecimento Anfíbio (RECON) e a Cia LigCom, os Batalhões de Engenharia, de Manutenção e Abastecimento, de Transporte Motorizado e de Operações Especiais — Tonelero — são as Unidades com que conta o Comando de Reforço para cumprir sua missão — apoiar, reforçar.



Urutu — a alma da Anfibiex

Navais. Engloba em sua estrutura toda a tropa operativa e dela são destacados os elementos para a formação dos Grupamentos de Desembarque, cuja constituição é ditada pela natureza da missão a ser cumprida. Nucleados nas Unidades de Infantaria e reforçados pelas Armas de Apoio, os Grupamentos de Desembarque caracterizam-se por sua extrema versatilidade. Embarcados na Força Tarefa Anfíbia e sob o comando de um Almirante Fuzileiro Naval vão constituir a Força de Desembarque, responsável pela execução do assalto e pela posterior conquista da “cabeça de praia”, objetivos principais de uma Operação Anfíbia.

localar-se rapidamente também por terra, livre do material pesado que fatalmente retardaria a progressão. O Batalhão de Comando, os três Batalhões de Infantaria — Riachuelo, Humaitá e Paissandu —, o Grupo de Artilharia e o Batalhão de Serviços são as Unidades que a constituem, todas sediadas no Campo de Instrução da Ilha do Governador.

O Comando de Reforço, também comando de Contra-Almirante Fuzileiro Naval, é a Grande Unidade de onde são destacados os elementos para prover os indispensáveis apoio e reforço às Unidades da Divisão, na constituição dos Grupamentos de De-

O adestramento é orientado com vistas a duas grandes operações anuais — Dragão e Veritas — que se constituem no coroamento de todo um programa de instrução. Diversas outras operações menores são realizadas pelas Unidades, entre elas as de caráter específico, cada qual em seu campo peculiar de atividades.

A Operação Dragão foi realizada pela primeira vez em 1964 e desde então vem se repetindo ao final de cada ano. É nesse exercício que se pode bem avaliar a atuação da tropa no desempenho da atividade que é sua própria razão de ser — o combate anfíbio. De grande envergadura, a Operação Dragão engloba elementos de terra, mar e ar, na complexa e difícil missão de levar a efeito um ataque anfíbio, desde o embarque da tropa ao assalto final e a posterior consolidação das posições conquistadas. É, das operações realizadas pelas Forças Armadas, a mais complexa e a que abrange maior gama de atividades. Dela participam todos os elementos operativos da Marinha, contribuindo cada qual com sua parcela para



o êxito das ações. São os navios da Força de Transportes que, levando em seu bojo tropa, material, armamento e viaturas, protegidos por navios da Esquadra, vão constituir o núcleo da Força Tarefa Anfíbia. Dos helicópteros da Força Aeronaval são lançados os “Para-Rãs” — pára-quedistas e homens-rãs — que realizarão o reconhecimento anfíbio. São ainda esses helicópteros que possibilitam o lançamento de tropas à retarguarda inimiga numa ação de Envolvimento Vertical. Dos submarinos da Força de Submarinos são lançadas equipes de Operações Especiais para o cumprimento de missões as mais difíceis. O imprescindível Apoio Logístico exige previsão criteriosa e execução coordenada e objetiva.

Na Fase da Travessia quando a esquadra navega em direção ao objetivo, os navios da Força Tarefa Anfíbia têm oportunidade de realizar exercícios de caráter estritamente naval, objetivando a máxima segurança do comboio. Após o assalto e uma vez conquistada a “cabeça de praia”, a

abicação e a “desova” dos Navios Desembarque de Carros de Combate exigem um adestramento especial e uma perfeita sintonia entre as equipes de terra e as dos navios.

A Operação Dragão exige portanto planejamento minucioso e coordenação perfeita na execução. É o teste anual do adestramento dos Fuzileiros Navais e possibilita a avaliação do aprestamento operativo da tropa.

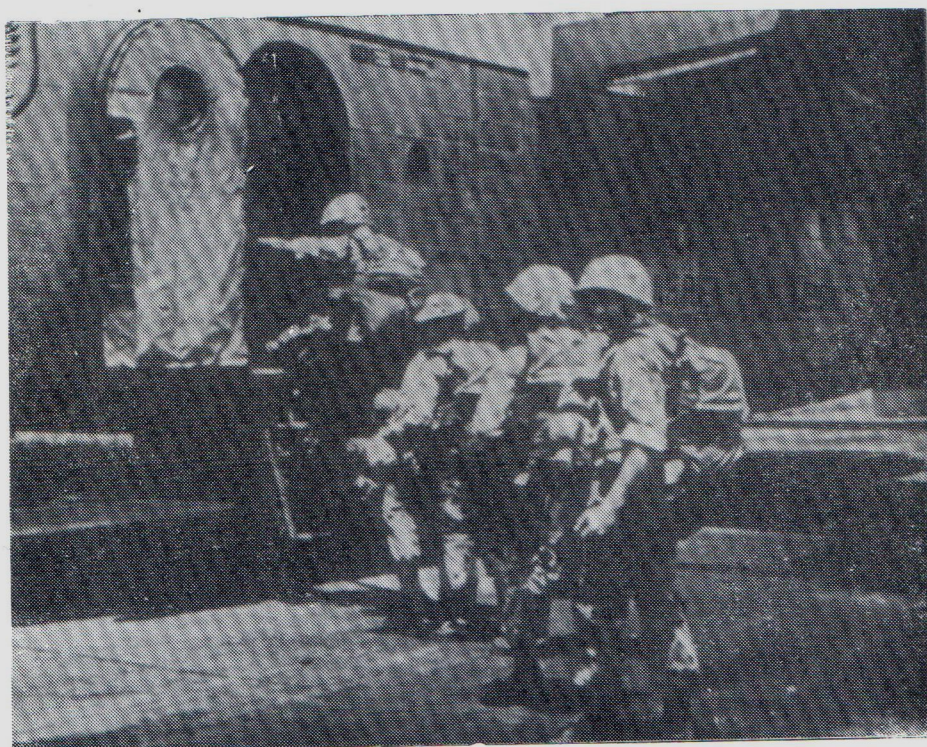
Após a Dragão, realiza-se a Operação Veritas, em conjunto com o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. A primeira Veritas teve lugar em 1968 e vem se realizando anualmente na ilha de Vieques, Porto Rico. Caracteriza-se pelo intercâmbio de conhecimentos tático-técnico-militares, a troca de experiências adquiridas, cada um em suas peculiaridades. Possibilita ainda, e principalmente, a familiarização de nossa tropa com materiais os mais mo-



ernos, que embora ainda não os possuamos, poderemos vir a adquiri-los ou mesmo fabricá-los no Brasil, em futuro próximo. É portanto de grande conveniência que nossos homens estejam em condições de guarnecer esses equipamentos e cumprir a

contento as tarefas que se lhes couberem. É ainda uma oportunidade de levar a terras e povos estrangeiros um pouco de Brasil, na disciplina e capacidade combatente de nossa tropa, na cultura e desenvolvimento de nosso povo.

FLEXIBILIDADE E EFICIÊNCIA NO ADESTRAMENTO



Aspectos de exercícios realizados no decorrer de 1974, transporte aéreo de tropas

Anfibiex, Aerotranspoex, Ribeirex e Logex, que são exercícios de incursões anfíbias, transporte aéreo de tropas, operações ribeirinhas e de apoio logístico ao desembarque, respectivamente. Visam aprimorar o adestramento das unidades da Força de Fuzileiros da Esquadra, além de proporcionar efetiva instrução de combate aos Grupamentos de Fuzileiros Navais de todo o país, objetivando a maximização do aprestamento operativo do Corpo

de Fuzileiros Navais. Realizados com efetivos normalmente de uma companhia reforçada, possibilitam instrução direta, flexível e eficaz. Tem sido de fundamental importância o apoio prestado pela Marinha através da participação de navios de desembarque de carros de combate, contratorpedeiros, submarinos e navios-patrolha fluviais, além dos meios de transporte aéreo cedidos pela Força Aérea Brasileira.

Esses exercícios são realizados nos mais diversos pontos do território nacional, visando ambientar a tropa a variados tipos de clima e terreno. Em 1974, ano I desse tipo de instrução, foram realizados apenas ANFIBIEXs e AEROTRANSPOEXs, em diversos locais como: no rio Paraguai, nas ilhas da Marambaia e de São Sebastião, e nas regiões de Presidente Epitácio, Estado de São Paulo, e rio Solimões, Estado do Amazonas. O sucesso alcançado por esses exercícios é que determinou a criação dos RIBEIREXs e LOGEXs que, juntamente com os demais, estão previstos para um total de treze em 1975.

A Força de Fuzileiros da Esquadra em condições ótimas de prontificação para o combate, constitui-se num dos mais importantes elementos com que contam as Forças Armadas do Brasil, tanto para a segurança interna, como, e principalmente, para a afirmação de soberania da Nação. Orgulhosos de seu "Espírito de Corpo", os Fuzileiros Navais conscientizam perfeitamente o importante papel que desempenham na conjuntura militar do país, como Tropa Anfíbia que são, da Marinha de Guerra. Nos litorais, nos campos, nas selvas, integrados ao espírito desenvolvimentista da Nação, contribuem com ponderável parcela para a tranqüilidade essencial ao trabalho do povo, sentinelas da segurança do Brasil.



Ação de alpinistas durante um Anfibiex

FORMANDOS DE 1975: A turma que parte



Da esquerda para a direita: Delson, Ornelas, Ventura, Jansen Cecato, Sentone, Walter, Bueno, Assis, Afrânio, Cunha, Elmiro, Jácome, Alves, Braga Rodrigues, Rocha Lima, Caruso, Dias, Pascoal, Guimarães, Garavito, Trindade, Garcia



Mota, Diniz, Lopes, Arnaldo, Campos, Lavigne, Proença, Braslavski, Fausto, Jorge, Molina, Da Mota, Resende, Leporace, Padilha, Caetano, Aguiéiras, Avellar, Júlio Cesar



Flaury, Silva Jr., Gonçalo, Bcmfim, Anselmo, Loureiro, Haroldo, Mendes, Alcione, Rachide, Bastos, Gonçalves, Casagrande, Alexandre, Vilela, Mamede, Zamith, Serra, Ataíde, Norton, Gabriele, Cruz e Araújo, Roberto, Mello



Edson, Bretanha, Mont'Alverne, Jéza, Antunes, Hansen, Severino, Mazoller, Miranda de Souza, Paulo Roberto, Antonio Cesar, Pessini, Ferreira de Melo, Rocha Marques, José Carlos, Luís Fernando, Victor, Schroeter, Aírton



Parente, Couto, Caminha, Bellizzi, Silva Gomes, Cirne, Miranda, Nilo, Pierantoni, Gutemberg, Rodrigues Pereira, Brígido, Ien, Moraes, Miguel, Carbonar, Nazareth, Tcnon, Carlos Augusto, Evandro, Jorge Luis



Souza, Palhas Reichert, Canellas, Walmir, Bravo, Andrade, Fontes, Vaz, José Luis, Nelson, Sampaio Lopes, Marinho Carrera, Rodrigues, Rocha, Roberto Luis, Arthur, Mário Costa, Junqueira, Montenegro, Lobianco, Lazarine



Silva, Ernesto, Paula Pinto, Taveira, Sérgio Andrade, Grimoni, Lima Torres, Lucas, Maurício, Cordeiro, Gondim, Brazão, Ricardo, Pires, Thadeu, Souza Neto, Viana, Kurobe, Guilherme, Edgard, Érico José, Vieira de Mello, Goulart, Alencar



Faraday, Rocha Marques, Marco Antonio, Ivan, Bezerra, Cavalcante, Luis Henrique, Meire, Panain, Leal, Almeida, Santos Moreira, Aymoré, Figueiredo, Ricardo Antonio, Luis Costa, Dominguez, Anselmo, Barros Ávila, Gastão, Rainho, Pimentel



Odon, Jader, Silva Lima, João Carlos, Dalton, Coutinho, Cássio, Hugo, Jair, Marcus Vaz, Da Paz, Vicente, Araújo, Duarte, Cruz, Manoel, Tondato, Velloso, Saraiva, Casemiro, Flávio, Castro, Duprat



Volpi, Néry, Honorato, Antonio José, Soares, Menezes, Emanuel, Franco, Santos Teixeira, Paulo Guimarães, Guaurino, Peixoto, Paulo Marques, Barbosa da Silva, Cezar Augusto, Rogério, Cerqueira, Wagner, Carlos Henrique, Pessoa, Carvalho de Almeida

A Passagem da Cana do Leme e o encerramento do Ano Letivo

Al. Paulo César

Realizados no mês de janeiro de 1976 devido a motivos de força maior, a Passagem Simbólica do Comando do Colégio e o Encerramento do Ano Letivo marcaram a despedida da turma Alte. Alexandrino de Alencar do Colégio Naval.

Entre a expectativa pela nossa apresentação a Escola Naval e a euforia pelo triunfo obtido no primeiro degrau de nossa carreira foi que nós, veteranos de 1975, nos situamos e orgulhosos desejamos sucesso à turma que nos seguia.

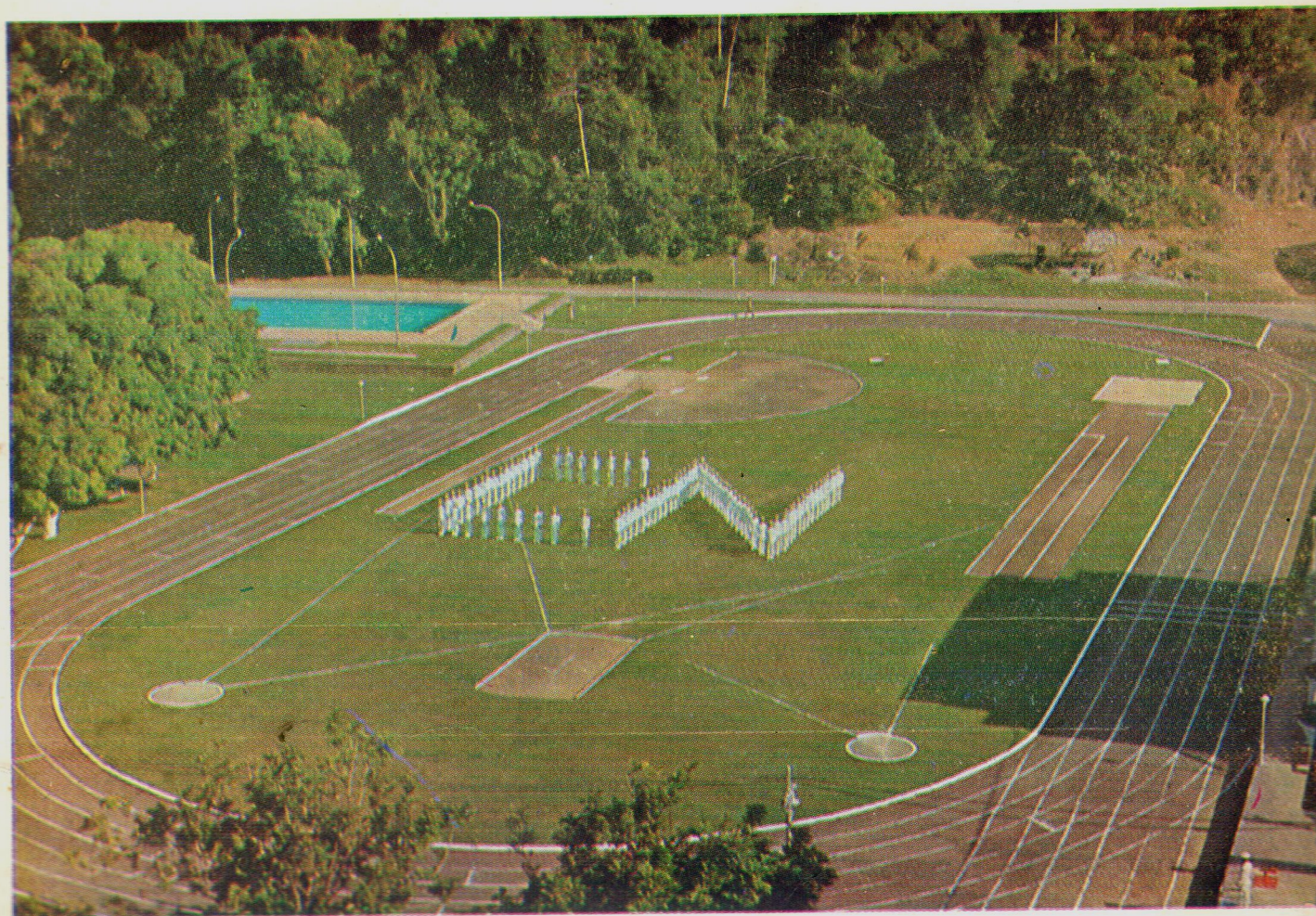
Os sofrimentos, as lutas, as privações e as alegrias foram muitas. Cientes do valor de nossa conquista nós tudo passaríamos novamente desde que dentro de nossas almas ainda permanecesse ardente a chama que simboliza o amor à carreira abraçada. Muitos um dia almejaram o ingresso no CN. Poucos o conseguiram mas, dentre esses poucos, quatro se sobressaíram pela dedicação e pelo amor ao Colégio. Merecidamente premiados, os alunos Jansen, Grimoni, Paulo César e Afrânio moldaram com seus esforços um modelo físico e intelectualmente perfeito de aluno.

Colégio Naval!
Esperança da Armada Brasileira!

O nosso ideal
É, no alto, manter nossa Bandeira!

Colégio Naval!
Sempre avante, com garbo varonil!

Daremos nossa vida
Para a glória do Brasil!



*Sempre unidos, pela Pátria, lutaremos
Como Greenhalgh lutou até morrer!
O auri-verde pavilhão defenderemos
Sempre atentos à lei e ao dever!
à Marinha dedicamos nossa mente,
Nossa alma e o braço viril!
Porque somos na hora presente
MARINHEIROS DO NOSSO BRASIL!*

ADEUS, COLÉGIO NAVAL!

